

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCHS - Campus de Toledo
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU – CIÊNCIAS SOCIAIS

ANDRESSA BACK

**MULTIPLICIDADE NA FRONTEIRA: O FENÔMENO DAS IDENTIDADES
TRANSFRONTEIRIÇAS EM SANTA RITA NO PARAGUAI**

TOLEDO/ PR

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCHS - Campus de Toledo
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU – CIÊNCIAS SOCIAIS

**MULTIPLICIDADE NA FRONTEIRA: O FENÔMENO DAS IDENTIDADES
TRANSFRONTEIRIÇAS EM SANTA RITA NO PARAGUAI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais - nível de Mestrado, na Linha de Pesquisa “Fronteira, Cultura e Identidade” como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Erneldo Schallenberger

TOLEDO/PR
2014

Catálogo na Publicação elaborada pela Biblioteca Universitária
UNIOESTE/Campus de Toledo.

Bibliotecária: Marilene de Fátima Donadel - CRB – 9/924

Back, Andressa
B126m Multinlicidade na fronteira : o fenômeno das identidades
transfronteiriças em Santa Rita no Paraguai / Andressa Back.-- Toledo,
PR : [s. n.], 2014.
91 f. : il. (algumas color.), figs.

Orientador: Prof. Dr. Erneldo Schallenberger
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade
Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Toledo. Centro de Ciências
Sociais e Humanas.

1. Ciências sociais - Dissertação 2. Etnologia 2. Identidade social 3.
Multiculturalismo - Santa Rita (PY) 4. Relações culturais 5. Santa Rita
(PY) - Usos e costumes 6. Brasil - Fronteira - Paraguai I.
Schallenberger, Erneldo, orient. II. T

CDD 20. ed. 305.86980892
306

ANDRESSA BACK

**MULTIPLICIDADE NA FRONTEIRA: O FENÔMENO DAS IDENTIDADES
TRANSFRONTEIRIÇAS EM SANTA RITA NO PARAGUAI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Ciências Sociais – nível de Mestrado, na linha de pesquisa “Fronteira, Cultura e Identidade” como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, em 23 de setembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Erneldo Schallenberger (Orientador)
Unioeste – Toledo

Prof. Dr. Silvio Antônio Colognese
Unioeste – Toledo

Prof. Dr. José Adilçon Campigoto
Unicentro - Irati

A minha família e meu namorado, com amor,
carinho e gratidão por sua compreensão e
apoio durante a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para o meu ingresso no mestrado e, também para aquele que sempre me incentivaram ao longo do curso.

À Deus, por ter me dado saúde para concluir mais essa etapa da minha vida.

À minha família, meu irmão Andrei e, principalmente meus pais Monica e Gregório pelo incentivo aos estudos, pela compreensão, pelo carinho que sempre tiveram comigo.

Ao meu tio Ricardo que esteve ao meu lado, e que se dispôs a morar em Toledo para que pudesse me auxiliar em tudo o que fosse possível.

À minha tia Maura que igualmente sempre apoiou em meus estudos e me incentivou em minha caminhada.

As minhas amigas, em especial a Joicy e Grazielle que estavam sempre dispostas a me ouvir e me incentivar.

Aos professores do mestrado que sempre me incentivaram e estiveram presentes durante todo o caminho percorrido até aqui, em especial ao professor Eric Gustavo Cardin que me estimulou desde a conclusão de minha graduação para que eu entrasse no Mestrado e igualmente me ofereceu apoio durante minhas estadias em Toledo. E também, ao meu orientador Prof. Dr. Ernelo Schallenberger, pela paciência e contribuição para o desenvolvimento desta dissertação.

Aos meus colegas de turma, Amir, Ane, Carla, Denize, Franciele, Telma, Vânia pelos momentos de alegrias divididos durante esses anos de mestrado e, principalmente aos meus colegas e amigos Grasiela e César que me ajudaram sempre que precisei, ouvindo minhas dúvidas e incertezas e, também dividindo a alegria desta conquista.

E agradeço também aos informantes da pesquisa que se colocaram a disposição para auxiliar no meu trabalho.

A única identidade que subsiste perante o olhar que penetra bem fundo é a identidade do que é contrário.

Hugo von Hofmannsthal.

RESUMO

BACK, Andressa. Multiplicidade na Fronteira: o fenômeno das identidades transfronteiriças em Santa Rita no Paraguai. 2014. 88 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais).

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Toledo. 2014

Orientador: Erneldo Schallenberger

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa que teve por objetivo refletir acerca dos conflitos e hibridismos culturais que aparecem na cidade fronteiriça de Santa Rita, situada na região do Alto Paraná, no Paraguai. Foi estabelecido um estudo sobre a construção da identidade transfronteiriça dos imigrantes brasileiros e seus filhos que nasceram e vivem no Paraguai, e as práticas culturais de construção identitária desses sujeitos, no objetivo de discutir a dinâmica desse fenômeno. Nesse contexto, o conceito de fronteira e sua compreensão vão sendo ampliados, uma vez que, este espaço de múltiplas culturas tem características próprias por se localizar numa região fronteiriça e é através desses conflitos e integrações que surge uma nova proposição cultural. Para compreender esse fenômeno, a fronteira é conceituada como um espaço aberto, poroso que é exemplo de integração e de aproximação. Assim o estudo das fronteiras como lugares híbridos auxilia na ampliação da pesquisa sobre esses atores sociais, possibilitando a compreensão de questões que tratam a migração fronteiriça na composição da dinâmica das fronteiras. A proposta é possibilitar um diálogo entre autores que discutam o conceito de fronteira e identidade, e os atores sociais sujeitos e agentes dessa pesquisa.

Palavras-chave: Culturas, Fronteira, Identidade.

RESUMÉN

BACK, Andressa. Multiplicidad en la frontera: el fenómeno de las identidades transfronterizas en Santa Rita en Paraguay. 2014. 88 p. Tesis (Maestría en Ciencias Sociales).

Universidad Estadual del Oeste de Paraná - Unioeste, Toledo. 2014

Asesor: Erneldo Schallenberger

Esa tesis es resultado de una investigación que tuvo como objetivo reflejar acerca de los conflictos y la hibridación cultural que aparecen en la ciudad fronteriza de Santa Rita, ubicada en el Alto Paraná, Paraguay. Se estableció un estudio sobre la construcción de la identidad fronteriza de inmigrantes brasileños y sus hijos que han nacido y viven en Paraguay, las prácticas culturales y la construcción de la identidad de estos temas, con el fin de analizar la dinámica de este fenómeno. En este contexto, el concepto de frontera y su comprensión será ampliada, ya que este espacio de múltiples culturas tiene sus propias características, ya que está situado en una región fronteriza y es a través de estos conflictos e integraciones que surge una nueva propuesta cultural. Para entender este fenómeno, el límite se define como un espacio abierto, porosa que es un ejemplo de integración y aproximación. Así, el estudio de las fronteras como espacios híbridos ayude a proseguir la investigación sobre estos actores sociales, lo que permite la comprensión de las cuestiones que tienen que ver con la dinámica de la migración fronteriza en la composición de las fronteras. La propuesta es permitir un diálogo entre los autores que discuten el concepto de frontera y la identidad, y los actores sociales y agentes sujetos de esta investigación.

Palabras chave: Culturas, Frontera, Identidad

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto da entrada da cidade de Santa Rita.....	33
Figura 2: Mapa de localização da cidade de Santa Rita.....	34
Figura 3: Tabela retirada do Censo de 1972.....	35
Figura 4: Tabela retirada de um trabalho acadêmico da UNE.....	36
Figura 5: Inauguração da Igreja de Santa Rita em 1989.....	45
Figura 6: Paróquia Santa Rita reformada e inaugurada em 2002.....	45
Figura 7: Cartaz da Expo Santa Rita.....	48
Figura 8: Grupo de danças típicas gaúcha, que se apresentou na Expo Santa Rita 2013.....	49
Figura 9: Bar onde os torcedores do Grêmio, time brasileiro se reúnem para assistir aos jogos.....	53
Figura 10: Faixa exposta em uma das paredes do Bar Preliminar.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
PESQUISA E METODOLOGIA.....	14
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1- ASPECTOS HISTÓRICOS DA MIGRAÇÃO BRASILEIRA NO PARAGUAI.....	19
1.1- O fenômeno da imigração e suas trajetórias.....	19
1.2- Fronteiras e suas novas redefinições: A demarcação das novas fronteiras erguidas e continuadas em território Paraguaio.....	30
CAPÍTULO 2- A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SOCIOCULTURAL: SANTA RITA E SUAS FRONTEIRAS CULTURAIS.....	33
2.1- Espaços ocupados por imigrantes brasileiros no Paraguai: A formação de Santa Rita.....	33
2.2 – Caracterizando Santa Rita.....	38
2.2.1 – <i>As escolas e universidades de Santa Rita</i>	43
2.2.2 – <i>Igrejas e a tradição católica em Santa Rita</i>	45
2.2.3 – <i>A Expo Santa Rita: culturas e tradições</i>	48
2.2.4 – <i>Somos Gremistas, somos Gaúchos</i>	53
CAPÍTULO 3 – IDENTIDADE E ALTERIDADE: ETNOGRAFANDO A VIDA SOCIAL E AS IDENTIDADES RECRIADAS NA FRONTEIRA ALARGADA. O FENÔMENO DAS IDENTIDADES TRANSFRONTEIRIÇAS.....	59
3.1 – Sobre fronteiras e fronteiriços.....	59
3.2 – Identidades Intercruzadas: a construção da identidade transfronteiriça em Santa Rita.....	66
3.2.1 – <i>Olhares sobre a ideia de identidade e pertencimento à sociedade paraguaia</i>	69
3.2.2 – <i>A classificação de identidades pelos descendentes brasileiros</i>	73

3.3 - O tereré como elemento aproximador das culturas brasileira e paraguaia.....	76
3.4 - A Identidade Transfronteiriça como resultado do processo de hibridismo cultural.....	78
3.5 - O Gaúcho como uma proposição cultural Transfronteiriça.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86

INTRODUÇÃO

O que se apresenta neste trabalho são os resultados de uma pesquisa que analisa fenômenos sociais ocorridos, sobretudo, em regiões de fronteiras, mais especificamente no distrito de Santa Rita no Paraguai. O trabalho está centrado na construção de uma identidade cultural transfronteiriça pelos imigrantes brasileiros e seus descendentes que nasceram e moram no Paraguai. A constituição desse novo espaço peculiar atribui a Santa Rita, novas interpretações que redefinem a representação nacional e os limites políticos no Paraguai, mais especificamente em regiões de presença maciça de brasileiros. Esse espaço de fronteira é ampliado, de modo que se torna um campo onde novas relações sociais, políticas e culturais aparecem e caracterizam a atualidade dentro do Paraguai.

O interesse pelo estudo surgiu durante a pesquisa de temas para o Trabalho de Conclusão de Curso. Após muitas discussões a escolha de tal tema aconteceu pelo interesse de compreender essa problemática vizinha que nos afeta como habitantes da fronteira e que atualmente vem sendo muito discutida, tanto no meio acadêmico, quanto nas mídias de comunicação. As discussões acerca do conceito de Identidade se fazem muito atuais, suas relações e complexidades podem ser visualizadas em todas as sociedades, principalmente nas regiões de fronteira, como ocorre entre o Brasil e o Paraguai. A partir daí e, através de pesquisas e realização de entrevistas com os atores sociais, foi construído o artigo cujo título era: A identidade do outro lado da fronteira: “Um estudo sobre a identidade dos filhos de imigrantes brasileiros nascidos no Paraguai”. Nesse artigo foi observado que esses atores sociais manipulam sua identidade, através de um jogo de conveniências, as formas como eles se representam variam, principalmente de acordo com as situações que são impostas. São disputas simbólicas e representações identitárias construídas e desconstruídas constantemente.

A presença expressiva de brasileiros no Paraguai possibilita características curiosas a muitas regiões do país. Santa Rita, por exemplo, possui uma característica peculiar, uma vez que é conhecida como “O Brasil dentro do Paraguai” – afirmação que impulsionou a pesquisa para algumas problematizações, uma vez que, a proposta é exatamente discutir a construção de uma identidade transfronteiriça e como os brasileiros e seus descendentes constroem seu espaço sociocultural no Paraguai,

especificamente na cidade de Santa Rita, sendo este um território de explícitas influências culturais brasileiras.

Para os brasileiros que atravessam a Ponte Internacional da Amizade¹ e chegam a *Ciudad del Este*, é facilmente constatado que se está em outro país, uma vez que, escutamos outra língua, avistamos outra forma de organização social e cultural, diferente do Brasil, por exemplo. Entretanto, chegando à cidade de Santa Rita no departamento do Alto Paraná, algumas observações serão feitas quase que naturalmente. Por exemplo, na atualidade está havendo uma preocupação do governo do distrito em relação aos cartazes e *outdoors* expostos na cidade. Ainda que há cerca de dez anos atrás, era possível visualizar na maioria desses cartazes e letreiros de lojas o uso do idioma português. Isso se justifica pelo fato de que a maioria dos moradores da cidade serem brasileiros. A disseminação da cultura brasileira e o intenso contato desses imigrantes com o seu país de origem permitiram essa denominação à cidade. Santa Rita está localizada há aproximadamente 70 quilômetros da fronteira entre Brasil e Paraguai (Foz do Iguaçu – *Ciudad del Este*) e, há aproximadamente 370 quilômetros da capital da República do Paraguai, *Asunción*. A cidade pertence ao departamento do Alto Paraná e têm sua importância no meio do agronegócio do país, no qual é válido ressaltar é controlado em sua maioria, por brasileiros.

Nosso campo de análise está inserido na região da fronteira Brasil – Paraguai, principalmente no espaço citado por Albuquerque (2009) como uma região alargada da zona de fronteira entre os dois países.

Os brasileiros no Paraguai, ou “brasiguaios”, como são chamados, principalmente pelos meios de comunicação, fazem parte de uma comunidade transnacional que se envolve em atividades transfronteiriças significativas, que se caracterizam por: 1) aspectos políticos - quando a comunidade transnacional se une para fazer transformações no país de origem, isso pode ser observado nos períodos de campanha política, quando muitos brasileiros emigrantes atravessam a fronteira Paraguai-Brasil, para votarem em seus candidatos, principalmente na cidade de Foz do Iguaçu; 2) aspectos culturais – quando as comunidades transnacionais insistem em

¹A Ponte Internacional da Amizade foi construída através de um acordo entre os governos do Brasil e o Paraguai, representados respectivamente por Castelo Branco e Alfredo Stroessner. Foi inaugurada em 27 de março de 1965, e está localizada no final da BR 277 (Brasil), no qual, possibilita acesso rodoviário direto a Assunção, capital do Paraguai.

preservar a herança cultural e a língua oficial de seu país de origem e passar essa cultura a seus filhos e netos.

Nesse sentido, a comunicação entre os pais imigrantes e os filhos que nasceram no Paraguai se dá como se estes estivessem no Brasil, e apesar da obrigação de aprenderem o espanhol na escola, em seu ambiente familiar eles continuam falando o português, e o que deve ainda ser destacado, em seu meio social, ou seja, com amigos, o português é o idioma predominante em todas as situações. Nota-se ainda que esses descendentes de imigrantes brasileiros “procuram” amizades com pessoas do seu mesmo “grupo”, ou seja, filhos de imigrantes brasileiros, que mantêm e reforçam seus vínculos com o Brasil.

Entretanto, apesar do esforço dos imigrantes brasileiros e seus descendentes em manter seu laço cultural com o Brasil, reforçado principalmente em seu ambiente familiar, a mistura de culturas é inevitável. Além da questão linguística, o hibridismo alimentício e as misturas de músicas brasileiras e paraguaias são práticas já naturalizadas nessa complexa realidade fronteiriça.

As fronteiras em movimento se caracterizam como lugares de misturas culturais. Nesse sentido vale ressaltar a ideia discutida por Albuquerque (2009) que assegura que as fronteiras nacionais são compreendidas como lugares de travessia de pessoas que cruzam os limites territoriais e configuram outras fronteiras. As novas fronteiras criadas por esses migrantes podem ser entendidas no processo de diferenciação das culturas. Os limites territoriais são superados, porém os conflitos de identidades e modos de vida diferentes são evidenciados nessa nova realidade, permitindo a criação de fronteiras culturais entre as duas “nações”. É nesse contexto de complexas relações culturais que os conflitos de afirmação de identidades e alteridade se estabelecem. Assim como a fronteira é viva e permanece em movimento, as identidades afirmadas e suas compreensões também são construídas e desconstruídas constantemente.

Nesse sentido, este trabalho tem como perspectiva analisar o fenômeno da construção da identidade transfronteiriça, dentro do espaço da fronteira alargada (conceito mencionado anteriormente). Desse modo, nosso objetivo é apresentar a interpretação e significados que os próprios atores sociais dão as suas práticas cotidianas na produção de seu espaço sociocultural. Assim, queremos compreender são quais os elementos que possibilitam a identificação desses indivíduos com determinada cultura. É importante ressaltar que as identidades são estabelecidas através das demarcações das

fronteiras culturais entre os sujeitos, onde são construídas estratégias distintas de resignificação da própria identidade.

Foram feitas entrevistas com imigrantes brasileiros, dois destes, são uns dos primeiros a chegarem à cidade de Santa Rita, sendo eles homens da faixa etária de 45 à 65 anos, todos vieram de cidades do Rio Grande do Sul. Esses homens possuem grande capital econômico, fruto das grandes extensões de terra que cultivam soja.

Também foram entrevistados os filhos e descendentes destes imigrantes que nasceram e moram em Santa Rita. Assim, foram feitas quatorze entrevistas com esses jovens, de faixa etária de 18 à 27 anos. A faixa etária dos entrevistados foi definida no momento em que cheguei à campo e fui me relacionando com esses jovens. Foi possível perceber que esse “grupo” estava mais próximo à mim e também ao meu problema de pesquisa, uma vez que, esses filhos de imigrantes brasileiros possuem referências culturais dos dois Estados Nacionais, Brasil e Paraguai e, fazem cultura nessa zona de fronteira incorporando elementos de uma e outra cultura para que assim possam se identificar e classificar o outro, sobretudo num jogo de manipulação de identidades.

Ao todo foram feitas vinte entrevistas gravadas, além de conversas informais com moradores da cidade, trabalhadores do comércio em seus mais diversos setores.

PESQUISA E METODOLOGIA

O estudo considera a proposta de trabalhar a pesquisa de campo através da etnografia e da observação participante no intuito de compreender a realidade fronteiriça, mais especificamente a região de Santa Rita, com todas as suas particularidades e relações cotidianas de conflito e alteridade entre os atores sociais. Assim como assinala DENZIN e LINCOLN, 2006 p.17:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais. [...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo.

Nesta perspectiva compreende-se que a pesquisa qualitativa, vai além dos dados, ou apenas da história de vida, uma vez que entendemos que as modalidades de pesquisa

estão inter-relacionadas, cada uma com seu importante papel no desenvolvimento do estudo. Assim, a etnografia e “a observação participante serão definidas como uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação diretas e a introspecção”. (DENZIN apud FLICK, 2009, p. 207).

Assim, para realizar a pesquisa, faço uso da etnografia, privilegiando a vivência com vários grupos de amigos, tanto no seu cotidiano, principalmente no ambiente do comércio, como também nas festas frequentadas por eles, que acontecem em Santa Rita, *Ciudad del Este* e Foz do Iguaçu, dando ênfase nas relações sociais construídas por esses sujeitos e como estes se apresentam culturalmente nesses espaços.

Foi aproximadamente durante quatro meses, que procurei conviver de forma intensa com os brasileiros e seus descendentes em Santa Rita, no Paraguai. Diferente de Malinowski (1978) que construiu sua pesquisa estando permanentemente entre os nativos das Ilhas Trobriand, minha permanência em Santa Rita era descontínua. Ficava geralmente, de terça-feira à sexta-feira ou sábado na cidade e, no domingo retornava a Foz do Iguaçu, uma vez que nesse mesmo dia eu precisava viajar para Toledo em razão da aula do mestrado nas segundas-feiras. Muitas vezes brinquei com os meus amigos, dizendo que passava mais tempo nos ônibus viajando do que nos lugares de fato. Só a viagem de Foz do Iguaçu até Santa Rita que durava cerca de três horas, já me permitia observações muito pertinentes no que diz respeito à zona de fronteira e ao espaço brasiguai. Dentro do ônibus se ouvia o espanhol, o guarani, o português e ainda, o alemão. As músicas tocadas eram em sua maioria brasileiras, e o sertanejo predominava. Chegando a Santa Rita, o sentimento é de que atravessamos a Ponte e ainda estamos no Brasil. Embora os cartazes e letreiros das lojas estejam, em sua maioria, em espanhol, o idioma falado nas ruas e no comércio, principalmente, é o português. Além de carros de som e rádios locais que, possuem um horário onde toda a programação está voltada para os brasileiros.

Nesse sentido, venho demonstrar que a pesquisa desde seu início esteve voltada para a observação participante, onde procurei estar atenta aos detalhes do cotidiano da cidade e de seus cidadãos. É importante observar que foi no ambiente do lazer, nas festas e encontro dos jovens descendentes de brasileiros que a pesquisa ganhou maior importância e pode atingir seus objetivos. Dessa maneira, a pesquisa de campo foi desenvolvida, segundo a etnografia que habilita o pesquisador a um contato mais

estreito e prolongado com a realidade que propõe estudar. Assim, buscou-se compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos no seu contexto histórico e social quanto a sua cultura e representação identitária.

Ainda, sobre a metodologia, em alguns momentos da pesquisa utilizei-me de entrevistas semiestruturadas, algumas delas foram gravadas e outras somente registradas no diário de campo. A utilização de entrevistas como essas, é importante no sentido de colher o máximo de informações sobre o tema segundo os significados e opiniões atribuídos pelo entrevistado.

Durante a pesquisa tive a oportunidade de também conversar com os paraguaios que não são descendentes de brasileiros, a fim de descobrir a opinião destes com relação a forte presença da cultura brasileira na região e, se a integração e/ou hibridação das proposições culturais acontece de fato. Essas conversas se apresentavam cada vez mais importantes na medida em que eu conseguia um contato mais próximo com esses informantes, principalmente, quando estávamos em alguma lanchonete, tomando uma cerveja, em clima totalmente informal, é que as falas pareciam cada vez mais ricas e espontâneas. Acredito que o melhor da etnografia é a possibilidade que nos dá, de evidenciar momentos e detalhes que podem fazer toda a diferença no resultado da pesquisa. Assim, como Levi-Strauss apontou em seu livro *Antropologia Estrutural*, "Enquanto a sociologia se esforça em fazer a ciência social do observador, a antropologia procura, por sua vez, elaborar a ciência social do observado" ([1958] 2008, p. 33), procurei dar valor a esta expressão, no qual minha tarefa foi dar voz a esses sujeitos, que são agentes no processo de construção de identidades.

Portanto, buscamos entender mais especificamente, qual o significado que uma determinada prática cultural ou representação tem para esses sujeitos. Através da observação participante, buscou-se compreender, qual o significado que as mudanças nos discursos e disparidades entre o que eles dizem e o que vivenciam em seu cotidiano possuem para esses sujeitos? Quando diversas vezes são acionados durante as falas, o discurso do pioneirismo para justificar e legitimar a exploração da terra, por exemplo.

Contudo, os discursos vão sofrendo alterações de acordo com as situações que esses imigrantes e/ou descendentes são submetidos. A peculiaridade do conceito antropológico de identidade está no fato de que ela emerge a partir de um dado sistema de relações sociais, o que significa dizer que qualquer estudo antropológico de

identidade étnica, deve levar em consideração o sistema de relações interétnicas que propicia as condições de existência que geram essas identidades.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação está organizada em três capítulos e uma conclusão. No primeiro capítulo: **“Aspectos Históricos da Migração Brasileira no Paraguai”** O objetivo é contextualizar historicamente a imigração brasileira no Paraguai nas décadas de 70 e 80, décadas escolhidas devido ao grande fluxo migratório para o Paraguai nesse período, problematizando as razões que levaram essa migração a acontecer, e basicamente como se deu o processo migratório dessa população. Ainda neste capítulo serão apresentados depoimentos de imigrantes sobre como se deu o movimento migratório e como foram sendo erguidas as fronteiras nesse novo espaço cultural, suas estratégias de manutenção e reprodução de sua identidade, no qual surge o fenômeno das identidades transfronteiriças.

No segundo capítulo: **“A produção do espaço sociocultural: Santa Rita e suas fronteiras culturais”** será discutida a formação da cidade de Santa Rita, que serviu de recorte espacial a esta pesquisa. Como já citado anteriormente, Santa Rita se localiza na região da fronteira alargada do Brasil-Paraguai, a aproximadamente 70 quilômetros da Ponte da Amizade. Foi fundada por imigrantes brasileiros e atualmente é uma das mais importantes do país devido, principalmente, ao agronegócio. Serão apresentados dados etnográficos da pesquisa de campo no sentido de caracterizar a cidade de Santa Rita através de seus espaços sociais, destacando como se dão as relações entre os sujeitos a partir do contato entre culturas diferentes.

No terceiro e último capítulo: **“Identidade e Alteridade: Etnografando a vida social e as identidades recriadas na fronteira alargada. O fenômeno das identidades transfronteiriças”** apresenta discussões sobre cultura e identidade, segundo as pesquisas de Stuart Hall (2002) que trabalha com a ideia de identidade que está sujeita a várias modificações e complementações, sendo esta produto dessas construções culturais que ao procurar seus significados, constituem as representações identitárias. A identidade é uma construção do homem, mutável e aberta a integrações e conflitos. A teoria do “entre-lugar” de Homi Bhabha, também auxilia na compreensão do fenômeno analisado e apresentado neste capítulo”. Este conceito procura explicar um local onde diferentes culturas dialogam, com algumas se impondo e deixando seus

valores disseminados, outras resistindo, mas sem nunca haver uma completa hegemonia de um grupo sobre o outro. Em outras palavras, um “entre-lugar” onde cada grupo ou indivíduo constrói estratégias distintas de resignificação da própria identidade. Nesse sentido, será apresentado o conceito de identidade sob o qual será analisado o fenômeno das múltiplas identidades pelos sujeitos sociais que se movimentam nesse espaço e constroem suas fronteiras.

A ideia principal deste capítulo, além de apresentar as problematizações teóricas, é apresentar, sobretudo e também, uma descrição etnográfica dos momentos mais importantes da pesquisa de campo, que permitiram a minha compreensão sobre a construção das identidades transfronteiriças, os elementos e mecanismos que fazem com que esses sujeitos possam se identificar com determinadas culturas em momentos distintos e a partir disso incorporar elementos da outra cultura a qual mantém contato, para então construir novos significados e identificações.

Para auxiliar na compreensão e organização do texto, é utilizada a escrita em *itálico* para termos nativos e palavras que estejam em outro idioma que não seja o português. Vale ressaltar também, que todos os entrevistados receberam nomes fictícios.

1. ASPECTOS HISTÓRICOS DA MIGRAÇÃO BRASILEIRA NO PARAGUAI

1.1 O fenômeno da imigração e suas trajetórias

A migração se constitui em um fenômeno humano que teve curso ao longo da história. Os movimentos migratórios, consubstanciados pelo direito de ir e vir tornaram as fronteiras nacionais, os limites territoriais e os institutos jurídicos permeáveis. Migrar e atravessar fronteiras de todo tipo, possibilitou ao homem tomar contato com novas culturas e sonhar com novas alternativas de vida, do que resultaram novas práticas culturais e novas relações sociais, que contribuíram para a reconstrução identitária na perspectiva dialética² entre o lugar vivido e o novo espaço de vivência e convivência.

No final do século XX e especialmente nos dias atuais, início do século XXI, os fluxos migratórios internacionais são reconhecidos como elementos vitais para o processo de desenvolvimento de países e regiões. Em 2000 o número de emigrantes chegou a 175 milhões, o que representa um crescimento médio anual de 2,1% (United Nations, 2008).

Entretanto, ao longo do tempo e, principalmente, com a configuração do modo de produção capitalista, as causas que “explicam” a migração se transformam na medida em que se intensificam. O que antes consistia num fenômeno espontâneo e coletivo de sobrevivência, mas também de desejos, notadamente nas sociedades primitivas, agora se intensifica mediante práticas ligadas a fatores, sobretudo econômicos. Singer (1983) fala sobre a atuação adjunta de dois fatores que explicam os deslocamentos populacionais: a expulsão e a atração. Alguns fatores de expulsão que induziram a migração derivam, por exemplo, da imposição das práticas capitalistas nas regiões compostas por pequenas propriedades de produção para subsistência, a qual ocasiona a expropriação de muitos camponeses, e outros grupos não pertencentes à categoria exploradora capitalista, como os indígenas, por exemplo. Já sobre os fatores de atração, entende-se a demanda por força de trabalho ou ainda a oferta de terras por baixos valores, principalmente, quando na migração de camponeses sem terras.

² A identidade dialética é compreendida a partir da relação e diálogo entre as culturas que o indivíduo pratica ao longo da vida, ou seja, a identidade dialética dentro do contexto imigratório surge a partir do encontro entre as experiências do lugar de origem e as novas práticas culturais do novo ambiente onde o indivíduo está inserido.

A teoria de Push - Pull, da qual Singer se refere, na sua tradução significa repulsão e atração, é muito usada ainda nos estudos sobre migração, no entanto, assim como as demais teorias, esta também tem seus problemas, uma vez que, as várias causas e motivações das migrações atuais limitam uma compreensão geral sobre essa problemática, uma vez que, as teorias baseadas nesses modelos pressupõem que o homem é conduzido a fazer escolhas racionais em funções de determinadas “forças”. Estas forças ou pressões representam fatores de repulsão e atração.

No Brasil, foi durante a metade do século XX que os movimentos migratórios se tornaram intensos. A modernização agrícola brasileira da década de 1970 combinada com a política de colonização e modernização paraguaia abriu espaço para um grande fenômeno migratório na fronteira Brasil-Paraguai.

Dentro deste contexto, no Brasil durante as décadas de 1950 e 1960 se iniciou mais intensamente o movimento migratório que possibilitou a ocupação do território do oeste paranaense.

Concomitante a este estímulo à ocupação de novas áreas, alguns aspectos começavam a dificultar a reprodução da agricultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul. Entre eles destacavam-se a redução da fertilidade do solo em função da intensa exploração, e a partilha dos lotes coloniais por herança o que resultava em uma redução substancial do tamanho das propriedades rurais.

Esse processo migratório rural de brasileiros para o Oeste paranaense dentro desse contexto histórico está diretamente vinculado ao nosso objetivo de pesquisa. Esse processo de imigração se deu através da nova política do Estado brasileiro, que passou a priorizar a expansão da agricultura e igualmente se esforçou em valorizar os setores que contribuíssem para o aumento significativo das exportações.

A expansão dos cultivos de soja e trigo - o primeiro com extensa demanda no mercado mundial, e o segundo que tinha como objetivo diminuir as importações - justificaram o desenvolvimento de estratégias que concretizou, a partir da década de 1970, o processo de modernização da agricultura brasileira. E para que o processo se consolidasse de vez, um dos fatores mais importantes foi o acesso ao crédito disponível para todas as fases do processo produtivo agrícola, desde o preparo da terra à compra de insumos e implementos, até a comercialização, a industrialização e o armazenamento da produção.

Nesse contexto, o Paraná atraiu um número expressivo de migrantes de outros estados, sendo eles, Santa Catarina e principalmente, Rio Grande do Sul. O apogeu desse movimento migratório se deu nas décadas de 1950 e 1960. Conforme cita Fiorentin (2010, pág. 11):

Neste cenário, dois fatores contribuíram para o povoamento desta região. O primeiro fator refere-se à saturação da capacidade das regiões originais dos migrantes de mantê-los, pois a maioria era oriunda do campo e nas suas áreas de origem as propriedades eram muito pequenas, não mais os comportando. O segundo fator refere-se à importância que especialmente o oeste do Paraná assumiu como lugar de destino dos migrantes, dada a sua capacidade de absorção desde a proximidade com seu local de origem.

Durante a modernização da lavoura, com maior integração entre o produtor e a produção de mercado, surgiu um processo de modificação nas relações sociais de produção. E dessa forma caracterizou-se pela transformação capitalista da produção onde a agricultura se especializou e passou a produzir um ou mais produtos, resultando assim na industrialização do campo.

A modernização agrícola brasileira da década de 1970 combinada com a política de colonização e modernização paraguaia abriu espaço para um grande fenômeno migratório na fronteira Brasil-Paraguai.

Segundo Menegotto (2004), as migrações no Paraguai passaram de 223.160 pessoas, ou seja, 9,47% da população do país em 1972, para 1.221.101 pessoas, perfazendo 29,4% da população do país em 1992. Pode-se dizer que em volume, são cinco vezes mais imigrantes em apenas duas décadas.

Primeiramente para que seja iniciada a discussão sobre o contexto histórico da imigração brasileira no Paraguai e suas motivações, são apresentados dois depoimentos recolhidos durante a pesquisa de campo na cidade de Santa Rita. A primeira entrevista do qual foi retirado o depoimento abaixo, foi realizada com Samuel³, que é um dos pioneiros da cidade. Já Carlos⁴, autor do segundo depoimento, migrou ainda criança para o Paraguai, ambos atraídos pelo baixo preço e a alta fertilidade das terras vermelhas paraguaias.

³Samuel é brasileiro, tem 69 anos, foi um dos pioneiros de Santa Rita e, atualmente ocupa o cargo chefe do Departamento de Serviços de Planificação Urbana da Prefeitura da cidade. Segundo ele é “colorado apenas de partido, e gremista de coração”.

⁴ Carlos é brasileiro, tem 46 anos e além de um grande comércio na cidade, possui hectares de terras localizadas na área rural de Santa Rita (Carlos não citou a quantidade de hectares que possui), sua família veio de Santa Catarina para o Paraguai.

Bueno, eu fiquei sabendo das terras aqui, por uns amigos, nós morávamos no Rio Grande do Sul, porque saiu uma família de lá que veio para o Paraná, e no Paraná é que surgiu essa conversa dessas terras no Paraguai, que aí tinha um vendedor dessa empresa lá no Paraná, e eles sabendo de nossa situação e da qualidade da terra lá que quando enchia o Rio Uruguai e alagava tudo. Porque assim, ele foi lá e fez a propaganda dessas terras. Fez a propaganda, dizendo que a colonizadora é brasileira, tudo certo. E o que nós fizemos... nos reunimos num lugar lá onde a gente morava, ele fez essa propaganda, enviamos um de nossos amigos que entendia mais das terras vermelhas ele veio aqui, andou por aí, e era terrível de andar, ele veio, olhou, viu uma lagoinha lá numa altura, voltou e disse assim: gente a terra é uma riqueza, é uma coisa de loco, é terra boa. Agora é um sertão, mas do jeito que eu vi gente entrando e comprando, lá vai ser um estouro, e barato, vamos embora ele dizia, vamos embora pro Paraguai. E tá louco, dinheiro daqui, busca dali, foi uma correria, daí ele marcou aqui com esse vendedor que trouxe ele de lá, tal tempo você vai pra lá com o vendedor, aí nos reunimos em vinte mais ou menos, vinte personas e resolvemos ir daí, começamos a vender as coisas, faturar a soja pra arrumar dinheiro pra entrar né. Aí ele foi pra lá e daí nos demos um tanto de dinheiro de entrada e mandamos reservar as terra. Valia uns 120 mil guarani o hectare, hoje tá valendo uns 10, 15 mil dólar o hectare, dependo do lugar ainda, porque aqui nós temos uns alemães que não sabem o que fazer com o dinheiro, e daí tu fala um valor meio doido assim, e se querem, eles compram. Daí nós viemos depois que nos demos a entrada, e viemos pra cá em três, quatro, montamos uns barraco aí no meio daqueles matão, vixi e saía bicho, como tinha mosca, mosquito e abelha, barbaridade! Nos instalamos e começamos a plantar nuns pedaços, e os bichos comiam nossas coisas. (pausa) Bueno, aí voltamos. Ficamos uns tempos aqui e voltei para o Rio Grande, buscar o resto dos parentes, botamos nossos bagulhos em cima de um caminhão e viemos pra cá, dia 1º de outubro de 1973 nós viemos com toda a mudança, com caminhão quase tombando e tudo. Arrumamos barraco e começamos a trabalhar. As nossas camas eram quatro forquilhas, dormia tudo meio junto, nossa e deu um monte de pulga, rato, meu Deus, os ratos comiam a gente vivo, se tu dormia assim, eles te comiam da orelha até os pés. Passamos tudo isso, mas se tá vendo hoje né, meu Deus!

[...] Bueno, e quando eu cheguei aqui, nós plantamos feijão preto, porque a gente tinha que derrubar os matos, e a gente não tinha aonde vender, aí plantávamos pra gente comer, aí o milho também, mandioca. (pausa) Quando a gente precisava de mercadoria pra comprar, a gente tinha que ir lá pra Ciudad del Este, saía daqui com um carro e ficava até dois dias na estrada, quebrava o carro, e começamos por aí. Depois veio a menta, dois, três, quatro ano ficamos assim, a menta se plantava pra poder usar o solo, a menta ajudava a ter menos gasto pra depois se plantar a soja, daí entrou o tal de trator de esteira né, fomos estocando, estocando e plantando soja. E o soja predomina. Era um sofrimento daqueles, mas o futuro a gente estava vendo né, a gente via o progresso! Nó nos sentimos no paraíso aqui. Hoje eu planto soja, a minha terra agora não tá em Santa Rita, está há uns 200 km daqui, mas é muito boa. Mas assim, quando a menta acabou, aí o Banco Nacional de Fomento, que é banco paraguaio sempre nos incentivou e tá incentivando até hoje, claro nós tivemos ajuda do banco do governo sim senhor, muito, muito, inclusive teve anos que a gente não conseguia pagar, daí eles financiavam e tudo. Quando a menta se terminou, daí o banco financiou pra gente comprar as sementes e tudo, daí a gente colhia né e pagava. E eles financiavam mais pra brasileiro porque sabiam que pagava e era tudo financiamento pra lavoura. [...] Olha eu vou te dizer, duvido gente mais honesta, trabalhadora e progressista do que os sulistas. Nós que fizemos esse Paraguai crescer, o melhor grão de exportação é nosso.

(Entrevista concedida no dia 06 de março de 2013, na prefeitura de Santa Rita)

Conforme, dito acima, este outro depoimento se trata de um trecho retirado da entrevista feita com Carlos, a respeito de como foi o processo migratório para o Paraguai:

Nós viemos incentivados por vizinhos, e meu pai, obviamente como a família era grande né, ele se preocupava em adquirir terras para no futuro. termos herança né. Então, nós entramos no Paraguai, foi mais ou menos em 76 pra 77, nós trouxemos a mudança com alguns animais que na época podiam entrar livremente no Paraguai, só fazia um permiso e na hora ali entrava, e nós viemos entre uns 13 irmãos e o pai e a mãe, viemos parar aqui no Paraguai, e realmente a dificuldade foi muito grande, quando foi pra entrar pro Paraguai, porque, não pelo fato de entrar no Paraguai, mas pelo fato que nós não tínhamos condições financeiras né, a gente era muito pobre, então viemos trabalhar em cima de 25, não minto, de 12 hectares de terra que nós conseguimos comprar na época, e era tudo mato né, na verdade, pra vim de Ciudad del Este. Este até aqui em Santa Rita na época, demorava um dia né, porque é um trecho de sessenta quilômetros, vamos dizer até onde a gente morava, uns setenta quilômetros (pausa) e aí demorava um dia para vir, a dificuldade era muito grande, porque era tudo estrada de chão, e era tudo mato né, então na época as estradas eram tudo esses tipo de picadão que eles fazia pra tirar a madeira, e aí chegamos e pra começar, moramos em baixo de uma lona durante seis meses, uma lona preta, até que o pai conseguiu algumas pequenas madeira e aí adquirimos um barraco, e melhorou um pouquinho né. A dificuldade foi muito grande, mas graças a Deus hoje nós estamos onde estamos né, e a gente tem que agradecer aos nossos pais porque a coragem deles foi muito grande. Hoje acho que se fosse pra nós sairmos, acho que a gente não iria aguentar uma dificuldade tão grande como nossos pais enfrentaram na época pensando ainda não na dificuldade só entre eles, mas a dificuldade de criar os filhos, porque a gente tinha entre 12 a 13 irmãos, e aqui no Paraguai nasceu mais dois, três, e passamos muita necessidade, pra chegar no comercio na época tinha que caminhar o equivalente a quase 40 quilômetros a pé, porque tinha que sair lá de São Miguel, e chegar em Santa Rosa pra poder comprar algumas coisas, algum alimento, e era muito difícil, e assim começamos. (Entrevista concedida dia 11 de abril de 2013, em sua residência)

Vale ressaltar que assim como esses depoimentos foram retirados através de entrevistas e conversas gravadas que tive a oportunidade de ter com alguns pioneiros da cidade de Santa Rita, também foram feitas entrevistas com os filhos desses primeiros imigrantes brasileiros que chegaram ao Paraguai principalmente na década de 70 e 80.

Nas falas acima podemos notar as dificuldades enfrentadas por esses imigrantes que se lançaram a um novo desafio, em outro país que na época não tinha nenhuma estrutura para recebê-los, a não ser a grande quantidade de terras férteis. Esses imigrantes tiveram que refazer suas vidas e aos poucos foram reconstruindo um novo espaço para sua vivência.

Outra observação importante a ser feita em relação aos depoimentos citados, é a característica dos grupos de imigrantes se organizarem que Menegotto (2004, p. 60) ressalta: “a presença brasileira se estabelece em núcleos, são colonizadores, desbravadores que saem do Brasil geralmente em grupos de familiares ou conhecidos de uma mesma localidade”. Tanto Samuel quanto Carlos citam que vieram para o Paraguai com sua família ou ainda, com seus amigos - como aparece na primeira fala – todos vindos principalmente da região Sul do Brasil.

Assim, a migração era realizada em grupos, geralmente formados por familiares, amigos e vizinhos, trabalhadores agrícolas, que compravam lotes numa mesma área. Este tipo de migração era estimulada por uma empresa colonizadora, isso porque as condições de infra estrutura eram bastante precárias. A ajuda entre as famílias que migravam era imprescindível para a derrubada da mata, para a construção das casas e dos paióis, e também para o preparo da terra e cultivo de produtos agrícolas de subsistência.

Nesse contexto podemos destacar a ligação da extinção do minifúndio com a política de crédito que beneficiou os médios e grandes produtores. As novas técnicas agrícolas e maquinários “exigiam maiores investimentos, tornando inviável a produção para os pequenos” (MENEGOTTO, 2004, p. 39), causando assim, a migração para outros estados e depois para o Paraguai. Isso ilustra o sucesso de grande parte dos agricultores - inclusive podemos visualizar isso no depoimento acima - que relatam ter migrado para o Paraguai em condições precárias com o dinheiro da venda de poucas terras no lado brasileiro.

A presença de brasileiros no Paraguai começou aproximadamente no início da década de 1950 com a agricultura do café, e mais tarde com a agroexpansão da soja, impulsionada, principalmente pelos imigrantes brasileiros no país apoiados pela política de modernização econômica do Paraguai imposta pelo ditador Stroessner na década de 1960. Entretanto, é na década de 1970 que se alonga até os anos 1990 que se destaca uma intensidade do fluxo migratório de brasileiros no país, isso se explica, especialmente, a partir do Tratado de Itaipu em 1973. Além desses, outros argumentos buscam justificar essa intensa imigração, porém alguns merecem atenção especial: 1) a ótima qualidade da terra combinada com seu baixo valor no Paraguai, 2) a expansão dos latifúndios sobre as pequenas propriedades, principalmente no estado brasileiro do Paraná, 3) as facilidades de obtenção de terras ofertadas pelas Companhias

Colonizadoras junto aos incentivos de créditos do Banco Nacional do Fomento do Paraguai – BNF -, 4) ausência das leis que regulassem a compra de terras por estrangeiros no país, além do excelente preço da soja no mercado internacional, que era ainda mais valorizada em relação ao pesado confisco cambial brasileiro. Como afirma Menezes (1987, p. 142):

Assim, a qualidade da terra, o seu baixo preço, a quase ausência de lei contra exploração da madeira, os baixos impostos, a proximidade com o Brasil, o alto preço do crédito e dos impostos no Brasil, a facilidade de crédito no Paraguai e o excelente preço da soja no mercado internacional empurraram milhares de brasileiros para dentro do Paraguai.

Entretanto, é necessária a compreensão de que no início desse fluxo migratório, os brasileiros se dividiam em dois grupos ao longo de dois momentos. A chegada dos imigrantes brasileiros de descendência europeia vindos do Sul, principalmente, representou a saída de outros brasileiros que também tiveram sua importância no processo de colonização e desenvolvimento do Paraguai. A “primeira leva” de imigrantes brasileiros é composta, maiormente por nordestinos e mineiros que migraram para o país e atuaram no desbravamento das matas. A partir dessa dinâmica, o governo paraguaio “[...] aproveitou a ideia de o Brasil espichar as fronteiras e criou uma política de atração para o camponês brasileiro. Com isto, o Brasil aliviou a pressão interna, a matança no campo, e o Paraguai ganhou mão-de-obra barata”. (WAGNER, 1989, p. 15). Na década de 1970, essa população cedeu lugar para os brasileiros que possuíam recursos financeiros, frutos das vendas de terras no Brasil ou ainda, das indenizações pagas pela Usina Hidrelétrica de Itaipu. Assim essa “segunda leva” de imigrantes brasileiros incentivados para a ocupação de novas fronteiras agrícolas e a necessidade de exportação de grãos, principalmente a soja (considerada o ouro branco da década de 70) adentrava o país, cada vez em fluxo mais intenso, apoiados pelas políticas e instituições paraguaias. Samuel cita esta dinâmica migratória durante sua entrevista, dizendo que “*gente do Norte que veio pra cá, pra abrir espaço e, aí então vieram o povo do Sul*”.

Podemos dizer que a finalidade deste projeto era colonizar o Paraguai com colonos do sul do Brasil, descendentes diretos de europeus. O próprio presidente, Alfredo Stroessner era descendente de alemães. Nesse sentido, a real finalidade do governo paraguaio era desenvolver a região e dar início a grande expansão agrícola que

já se iniciava no Brasil, com a modernização do campo. Assim, para que isso acontecesse eram necessárias pessoas “competentes” para trabalhar no campo.

La ética del trabajo, como el mecanismo fundamental para acumular riquezas, está en la raíz del desarrollo del capitalismo occidental moderno, como analiza Webber (2004), y lo sin migrantes europeos que vinieron al Brasil y sus descendientes que hoy están en Paraguay incorporan y glorifican este “espíritu capitalista”. (FOGEL y RIQUELME, 2005, p. 169).

De acordo com essa ideologia, os camponeses paraguaios não possuem a ética do trabalho que têm os migrantes brasileiros descendentes de europeus. Essa mesma visão ainda é reproduzida atualmente nas falas desses migrantes e de seus filhos que nasceram e moram no Paraguai. O discurso do trabalho e pioneirismo está fortemente presente na reprodução de sua cultura. Isso será visto ao longo das descrições das entrevistas feitas durante o trabalho de campo.

Historicamente, a imigração brasileira pode ser compreendida pelo encontro de políticas governamentais de expansão capitalista entre o Brasil e o Paraguai. No lado brasileiro, sob o governo de Getúlio Vargas foi criada a “Marcha para o Oeste” que tinha como objetivo a ocupação e desenvolvimento do interior do Brasil. O governo do Estado do Paraná ofereceu terras férteis e baratas a grandes empresas colonizadoras, com a finalidade de que estas abrissem estradas, possibilitando o desenvolvimento da região, uma vez que, mais tarde essa região se transformaria em áreas urbanas do Estado. Muitos consideram a entrada de imigrantes brasileiros no Paraguai como um desdobramento da “Marcha para o Oeste” brasileira. Segundo Freita (2006, p. 155):

A colonização do extremo oeste do Paraná ocorreu a partir da década de 1940, tendo como principais objetivos nacionalizar áreas que eram ocupadas por empresas denominadas ‘obrages’, priorizar a expansão das fronteiras econômicas, em especial as fronteiras agrícolas, no sentido de ampliar os setores que pudessem contribuir para o aumento das exportações e ainda ocupar a fronteira como medida de segurança nacional. Para conseguir seus objetivos o governo do Estado do Paraná ofereceu estímulos a empresas colonizadoras que atuavam no Estado do Rio Grande do Sul, para que adquirissem terras boas e baratas, as quais seriam compradas pelas colonizadoras que deveriam abrir estradas e de marcar os locais onde mais tarde seriam construídas áreas urbanas (...) na década de 70, a segunda geração desses abnegados desbravadores de fronteiras brasileiras, empurradas pela modernização da agricultura e culminando com a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu, viu-se novamente diante da necessidade de migrar; estes agricultores destinaram-se ao vizinho país da república do Paraguai, atraídos pelas terras férteis, baratas e a proximidade geográfica; ainda o incentivo de um governo ditatorial representado pelo presidente

Alfredo Stroessner, que via nos imigrantes brasileiros a possibilidade de alcançar um desenvolvimento em âmbito internacional com a exportação, especialmente de soja, considerado o outro branco da década de setenta.

Por sua vez, o Paraguai também estabeleceu uma campanha de colonização e modernização do país, que ficou conhecida como a “Marcha del Este”, comentada por Albuquerque (2010, p.65):

O governo paraguaio reformulou o Estatuto Agrário de 1963, o qual permitia a venda de terras aos estrangeiros nas zonas de fronteira. Até aquele período, a região tinha uma ampla floresta tropical e era ocupada principalmente por grupos indígenas, traficantes de madeiras e por empresas de extração de erva-mate, como a Mate Laranjeira. Com o interesse de ocupar os espaços vazios e diminuir as tensões sociais da região central, o governo implementou o plano de colonização e facilitou a participação de brasileiros na derrubada da mata e no plantio agrícola.

A necessidade dos dois países, atrelada às respectivas campanhas adotadas para expansão econômica, possibilitou o argumento que faltava para legitimar e fortalecer as migrações na fronteira. Somado a isso, a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu e o alagamento do seu reservatório em 1982 intensificaram ainda mais esse processo. Brasileiros, principalmente, das regiões do sul do país, como Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul sonhavam em melhorar de vida no país vizinho, onde as terras estavam sendo cada vez mais valorizadas, num grande jogo geopolítico dos governos brasileiro e paraguaio.

Durante a década de 1970, a partir da execução dos I e II Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, que tinham como meta principal proporcionar condições favoráveis ao desenvolvimento do país. Através de um tratado assinado entre as Repúblicas do Brasil e do Paraguai, em 23 de abril de 1973, o qual previa o aproveitamento hidrelétrico dos recursos do Rio Paraná, pertencentes aos dois países, foi criada a entidade Binacional Itaipu, a qual viabilizou a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu.

A obra foi iniciada em 1975, e a formação do reservatório ocorreu em outubro de 1982, inundando 1.350 quilômetros quadrados de áreas marginais ao Rio Paraná. Destes, 780 quilômetros quadrados se encontram em território brasileiro e 570 quilômetros quadrados em território paraguaio.

Este foi mais um processo que ao beneficiar uma parte da população, através do aumento da oferta de energia elétrica, prejudica a outra parte, as populações ribeirinhas

ao Rio Paraná. Sentindo-se "despejados" de um espaço que fazia parte de sua territorialidade, uma parcela desses agricultores emigrou em direção ao Paraguai, os quais se somaram aos brasileiros que já estavam se reproduzindo no país vizinho, "atropelados" por um sistema que visava a modernização do Brasil.

Dessa forma podemos entender que fazem parte desse movimento migratório os desapropriados pela Usina Hidroelétrica de Itaipu e os agricultores expulsos pela modernização do campo, principalmente no estado do Paraná, como comenta o entrevistado⁵:

Meu nome é João, em 1978, meu pai teve que sair de seus três alqueires de terra em sub sede, distrito do município de Santa Helena no Paraná, que, pouco depois, seria inundado pela formação do Lago de Itaipu. Porém, a indenização que recebeu por parte da Usina não dava para comprar outra área de terra aqui mesmo no Paraná, por essa razão resolveu ir para o Paraguai, onde segundo informações, a terra era boa e barata. Meu pai foi um entre vários trabalhadores rurais camponeses desapropriados que seguiram para o Paraguai.

Sobre isso, Cardin (p. 09) comenta: “os processos migratórios são motivados por diferenças existentes entre os países.” Os contrastes naturais, sociais, políticos e econômicos entre as regiões possibilitam a busca constante por vantagens que uma localidade pode oferecer e a outra não. Assim, a migração brasileira no Paraguai também pode ser explicada por esses conjuntos de vantagens e desvantagens que os dois países: Brasil e Paraguai ofereciam naquele momento.

No lado paraguaio, o governo de Stroessner criou o *Instituto de Bienestar Rural* (IBR) que seria responsável pela reforma agrária no país, reassentando os camponeses em outras áreas a fim de dar “espaço” para os brasileiros que desenvolveriam a agricultura do país. O IBR foi criado em 1963, pela lei nº852. Nessa lei foram definidos seus objetivos, “transformar a estrutura agrária do país e a incorporação efetiva da população campesina no desenvolvimento econômico e social da nação, mediante soluções legais que permitiam eliminar progressivamente o latifúndio e o minifúndio, substituindo-os por um sistema justo de propriedade, posse e exploração da terra.” Ainda no mesmo ano, foi aprovado o Estatuto Agrário, definindo assim a função econômica e social da terra. A partir disso ficou definido que os beneficiários do

⁵ Entrevista de João Silva (nome fictício) realizada em 30 de junho de 2006, apud FERRARI, C.A. **Brasiguaios na fronteira: luta pela terra, violência e precarização do trabalho no campo**. Pegada, v.8, n.2, dez. 2007. p. 122.

Estatuto Agrário seriam “homens ou mulheres, com 18 anos de idade ou mais, paraguaios ou estrangeiros, que se dediquem habitualmente aos labores agropecuários ou que se proponham formalmente a dedicar-se a eles”. Como destaca Menegotto (2004, p. 41) “a legislação paraguaia não faz qualquer restrição aos estrangeiros. Pelo contrário coloca-os no mesmo patamar que os paraguaios”.

Entretanto, muitos dos imigrantes que atravessaram o Rio Paraná em busca de uma vida melhor, não conseguiram se estabelecer no Paraguai devido à grande pressão sofrida, pela expansão do capitalismo. Faltavam condições políticas e legais que os “protegesse” e assegurasse seus direitos sob as terras, em meio as forças conflitantes geradas por funcionários corruptos do governo militar e grandes capitais que atuavam mancomunados na região. Sem trabalho e sem terra, esses imigrantes foram obrigados a voltar para o Brasil. E é no início dos anos 80, que aparece o termo “brasiguai”, criado inicialmente para identificar os camponeses e trabalhadores rurais pobres forçados a emigração, ou seja, a voltarem ao lugar de partida de sua diáspora. Nesse contexto, esse povo definido como os “sem pátria e sem terra” tiveram que mais uma vez migrar para outro lugar, e neste caso, eles acabaram retornando ao Brasil. Novamente a fronteira se fazia presente na vida dessa população. E assim como assinala Martins (1997, p.13) a Fronteira

[...] de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteiras de etnias, fronteira de história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano.

Esses camponeses que viviam no limite da subsistência já não se encaixavam na nova dinâmica de desenvolvimento capitalista que foi se alastrando no território paraguaio e, assim novamente se encontraram as margens desse processo, destacado sob as mais diversas concepções de fronteira, assim explicado por Martins.

Contudo, se faz necessário destacar que alguns daqueles imigrantes possuíam um considerável capital econômico, produto da venda de terras menores no Brasil, ou pela acumulação de capital em grandes explorações agrícolas como é o caso de Lunardelli tido como o “rei do café” e colonizador de boa parte do Paraná. (MENEZES, 1987, p.133). Outros com menor poder econômico, mas com muito trabalho, aproveitaram as facilidades para a obtenção das terras, que na época se encontravam na sua maioria com matas primárias, e conseguiram se estabelecer no Paraguai. Hoje, de

acordo com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, estima-se que aproximadamente 300.000 brasileiros habitam o país. Trata-se da segunda maior colônia de brasileiros no exterior, ficando atrás apenas dos Estados Unidos.

1.2 Fronteiras e suas novas redefinições: A demarcação das novas fronteiras erguidas e continuadas em território Paraguaio

Dentre as noções de “Fronteira” está a ideia de que fronteira é o Limite de um Estado, ou seja, é a linha puramente imaginária que pode ser marcada na superfície terrestre por meio natural ou artificial, outra noção, seria a de “Delimitação”, no qual este é o estabelecimento de uma linha de fronteira ou limite, que só é determinada a partir de um tratado entre os países envolvidos.

Entretanto, o conceito de Fronteira é muito mais amplo e possível de ser abordado de vários ângulos. Para Martins (1997) a fronteira é percebida como um lugar de alteridade, pois nela há o embate de diversas temporalidades.

[...] a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso que faz dela uma realidade singular. A primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro, como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História. (MARTINS, 1997, p. 150-151)

Martins ressalta que a fronteira é um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrente das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada grupo humano, mas também o desencontro de diversas temporalidades históricas. Dessa forma, a fronteira é marcada pela interação entre sujeitos diferentes que possuem construções simbólicas e identitárias distintas, o que contribui para a existência de múltiplas relações no sentido em que cada sujeito reproduz sua cultura de modo que é esse fato que ressalta a diferença entre os sujeitos que habitam as zonas de fronteira.

Nesse sentido, podemos compreender a fronteira como Bhabha (1998) discute o “entre-lugar”, ou seja, a fronteira torna-se um lugar de criação de novas identidades,

onde através de suas experiências e do contato com o “outro”, os sujeitos sociais se encontram numa posição de constante construção e reconstrução de sua identidade. Entendendo aqui, a identidade segundo o que Hall (2004) destaca: a identidade como algo que nunca está completo, que faz parte de um processo sob o qual sempre está sendo formada.

A fronteira então se configura como um “entre-lugar”, uma zona de transição onde os sujeitos se reconhecem e reconhecem o outro, e além de tudo, onde as identidades são construídas e reconstruídas num processo de negociação cultural.

Ainda sobre Fronteira, Albuquerque (2010, p.42), ressalta que estas não se resumem a tratados ou demarcações, segundo ele, as fronteiras são fenômenos sociais, plurais e dinâmicos, logo deve ser compreendido que as fronteiras nacionais não se resumem apenas em divisas e tratados diplomáticos, elas representam situações sociais e de poder decorrentes da realidade fronteiriça. Essas fronteiras estão em constante movimento redefinindo-se e expandindo-se, como aponta Albuquerque (2009, p. 43):

Por um lado, a noção de fronteira em movimento vem da geopolítica e da geografia política dos séculos XIX e XX. A geopolítica é uma visão de domínio de um determinado espaço geográfico como área estratégica de poder. As estratégias geopolíticas visam ocupar os denominados “espaços vazios” e garantir a expansão e unidade de um território nacional. Nessa perspectiva, as fronteiras estatais não são estáticas, são vivas e se estruturam mediante processos de expansão ou retração. Os Estados nacionais estão em constante movimento, comandados por forças centrípetas ou centrífugas.

A realidade da fronteira exhibe-se como um espaço de conflito e integração, a característica de fronteira em movimento - a *frontier*⁶ - é assim atribuída, uma vez que, a fronteira é formada por diversos universos que entram em conflito na perspectiva de temporalidades diferentes. Forças centrípetas e centrífugas que geram dinâmicas culturais e fluxos sociais no entorno da fronteira.

Para falar sobre as relações sociais na fronteira, Albuquerque apresenta duas tipologias de indivíduos que podem se estabelecer segundo as relações visíveis e características na região fronteiriça. A primeira seria o “cruzador de fronteira” que é definido pelo autor, como o sujeito que cruza a fronteira por diversos motivos, por exemplo, o brasileiro que mora no Brasil, porém trabalha no Paraguai. A segunda seria o

⁶Conceito do Frederick Jackson Turner, no livro *La frontera en la historia americana*, discutido por Albuquerque no seu livro *A Dinâmica das Fronteiras*.

“reforçador de fronteira” que se caracteriza como aquele indivíduo que usa a fronteira para afirmar sua identidade nacional.

No processo de imigração brasileira no Paraguai, percebe-se claramente essa afirmação da identidade nacional, em especial nas regiões de “fronteira” (entende-se aqui por região de fronteira, o alargamento dessas faixas fronteiriças entre Brasil – Paraguai). Essa afirmação também pode ser entendida como um reforço da identidade brasileira, que ocorre de várias maneiras. Sobre isso Freita (2006, p.156) enfatiza:

O processo de migração de agricultores brasileiros em direção à República do Paraguai teve características de expandir além da fronteira agrícola, a fronteira cultural brasileira sobre o território Paraguaio. Este fato nos parece claro quando percebemos que os agricultores brasileiros ‘falam sua própria língua, usam sua própria moeda, hasteiam sua própria bandeira’, mantêm as tradições de origem, comercializam, e tentam manter-se vinculados como cidadãos ao território brasileiros, principalmente através do título de eleitor, e raramente imigrantes casam-se com paraguaios.

A imigração no Paraguai produz outras fronteiras em relação à sociedade paraguaia. Dessa maneira, é entendida a fronteira dentro deste trabalho, como fenômenos que estão em constante movimento e que se redefinem através de situações sociais e negociações culturais.

Portanto, quando nos referirmos, daqui para frente, às fronteiras, em sentido amplo e geral, estaremos nos reportando a esta definição.

Neste trabalho, também podemos discutir outra conotação da noção de fronteira que se aproxima da realidade investigada, que é a de uma fronteira agrícola. Entende-se que esta é o avanço da unidade de produção capitalista sobre o meio ambiente, terras cultiváveis e/ou terras de agricultura familiar. A fronteira agrícola está ligada a necessidade de maior produção de alimentos, criação de animais sob a demanda internacional de importação destes produtos. Além disso, seu crescimento acelerado também está ligado pela ausência de políticas públicas eficazes onde a terra acaba sendo comprada barata e o controle fiscal inoperante.

É importante ressaltar que é a expansão da fronteira agrícola brasileira que entra no território paraguaio, e neste caso, a fronteira geopolítica deixa de ter importância para a fronteira agrícola que vai se expandindo e redefinindo os espaços sociais dentro do Paraguai. A fronteira deixa de ser um marco divisório e se torna uma continuidade.

2. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SOCIOCULTURAL: SANTA RITA E SUAS FRONTEIRAS CULTURAIS

Neste segundo capítulo será feito, primeiramente, um breve histórico sobre a formação da cidade de Santa Rita, e a construção e organização de seu espaço, permitindo dessa maneira que algumas reflexões sejam feitas a fim de compreender como esta foi construída de acordo com as referências que esses imigrantes tinham de seu lugar de origem. Serão analisadas a construção e organização da igreja, escola, clube de lazer, comércio, entre outros. Logo em seguida, expor-se-á as observações feitas durante o trabalho de campo, que dizem respeito a cidade e as relações sociais nela reproduzidas, ou seja, a produção do espaço sociocultural em Santa Rita.

Para isso, foram utilizadas as descrições das observações feitas na cidade, das conversas informais e entrevistas registradas no diário de campo.

2.1 Espaços ocupados por imigrantes brasileiros no Paraguai: A Formação de Santa Rita



Figura 1: Foto da entrada da cidade de Santa Rita.

Fonte: <http://www.geolocation.ws/v/P/66228711/portico-da-cidade-de-santa-rita-paraguai/en>

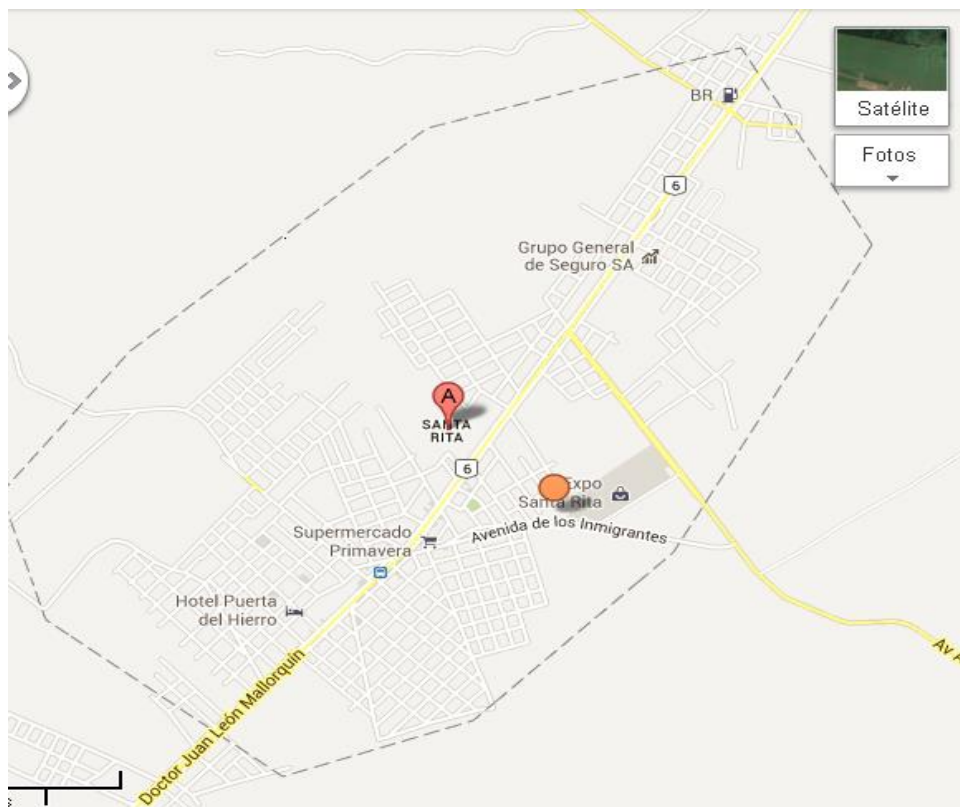


Figura 2: Mapa de localização da cidade de Santa Rita.

Fonte: <http://maps.google.com.br/>.

Em 1973, chegaram à Santa Rita as primeiras famílias de migrantes, vindas do Rio Grande do Sul, do Paraná e de Santa Catarina. Essas famílias vieram atraídas, principalmente pelo baixo preço das terras e o grande incentivo do governo paraguaio. Os brasileiros conheciam a produção da soja e possuíam algum capital, uma vez que, ao vender suas terras no Brasil, eles ganhavam dinheiro suficiente para comprar as terras ofertadas no Paraguai. Fogel (1989) descreve que esse processo beneficiava mais os brasileiros do que os campesinos paraguaios, uma vez que, o IBR aliava-se aos brasileiros na tarefa de colonização no Paraguai.

A compra dessas terras na região do Departamento do Alto Paraná se deu através do interventor Don Adelino Vettorello, que as comprou do IBR (Instituto de Bem estar Rural criado em 1963, assim como a Lei 854 que estabeleceu o Estatuto Agrário), criou a colonizadora “Itaipu Amalisa”, que loteou e vendeu a diversos colonos; estes pagavam cerca de 120, 150 mil guaranis por um hectare de terra.

Segundo o Censo de 1962 e 1972 analisados por Laino (1979), os departamentos limítrofes com o Brasil, (Na Região Ocidental Alto Paraguai e na Região Oriental Concepción, Amambay, Canendiyú e Alto Paraná) tinham uma população total de

285.190 habitantes; destes 34.387 eram estrangeiros sendo 30.653 brasileiros. Somente no Departamento de Alto Paraná, de 69.044 habitantes 7.130 eram brasileiros, sendo este departamento um dos que apresentavam maior presença brasileira, perdendo apenas para Canendiyú e Amambay.

Departamentos	População Total 1972	Total de brasileiros
Canendiyú	27.825	12.028
Amambay	65.111	10.027
Alto Paraná	69.044	7.130

Figura 3: Dados divulgados pelo Censo de 1972

Ainda, segundo dados obtidos através de um trabalho de Metodologia da Investigação feito pro alunos da *Universidad Nacional del Este, Facultad de Filosofía*, de sua filial em Santa Rita:

O departamento do Alto Paraná se caracteriza por su tasa de migración que fue la más alta del País desde 1950 hasta 1972, manteniendo su importancia hasta el último período intercensal. En efecto, entre 1967 y 1972, 28.014 personas se desplazaron al Alto Paraná de los cuales 14.779 vinieron del extranjero. En cambio, entre 1977 y 1982 vinieron al departamento 56.220 habitantes, de los cuales la mitad se radico en áreas urbanas; de este total 22.730 migrantes vinieron del extranjero.

Entretanto, existem sérios problemas quanto a veracidade das informações e dados do Censo no Paraguai. Laino (1979) destaca que havia falta de funcionários e casos de falsificação de documentos e por isso existem muitos dados oficiais que são imprecisos e contraditórios. Neste caso, o autor buscou mais fontes que pudessem fornecer dados mais concretos a realidade dos fatos. Com base em reportagens, estudos e dados das próprias colonizadoras, chegou-se a seguinte conclusão: a imigração brasileira iniciou por volta de 1965 e, de 1968 a 1973 cerca de 56.000 brasileiros migraram, sendo 1973 o ano em que o fluxo foi mais intenso.

Os primeiros imigrantes brasileiros que chegaram à região nomearam as terras compradas de Esquina Gaúcha (bairro mais antigo de Santa Rita) e logo depois foram formando os bairros de Sinuelo e Cerro Largo – nota se aqui a característica dos imigrantes de nomearem os espaços com nomes de seus lugares de origem, a grande

maioria dos bairros de Santa Rita, possuem nomes de municípios do Rio Grande do Sul –. Nos trabalhos de faculdade que contam a história de Santa Rita são apontadas oito famílias que foram pioneiras na região. Segue abaixo um quadro retirado de um trabalho acadêmico de estudantes de Psicologia da UNE (*Universidad Nacional del Este*):

Año de llegada	Familia	Hectáreas de tierra comprada	Cantidad de Integrantes que llegaron
1973 – 24/09	Valdomiro Ribeiro	14,5 Hectáreas	5 integrantes
1973 – 15/11	Jose Borre	48 Hectáreas	4 integrantes
1973	ValtairVichetti	50 Hectáreas	4 integrantes
1973	Jose Dapieve		4 integrantes
1974 – 15/07	Jose Santin	48 Hectáreas	7 integrantes
1974 – 25/07	Osvino Schneider	30 Hectáreas	8 integrantes
1974	Caetano Finato	25 Hectáreas	6 integrantes
1974 – 21/07	Sebastião Batista		3 integrantes

Figura 4: *Investigación Cortesía de las Alumnas de La Carrera de Psicología UNE 2011 Mirian de Herrera – Maria Laura López – Rosinei Kuffel – Mirian Camacho Luciana Pereira – Marlene Martinez – Tania Rauber.*

Aos poucos, essas famílias foram ocupando o espaço e construindo a cidade de Santa Rita. Como já foi dito anteriormente, no depoimento de um desses imigrantes, não havia nada nessa região, a não ser mato e animais. A primeira parte da colonização serviu justamente para abrir caminho para que esses imigrantes pudessem mais tarde iniciar o processo de colonização e modernização do país, conforme constava no projeto de Stroessner.

A necessidade de reprodução de estilo de vida que possuíam no Brasil, além da capacidade de organização e (re) construção de sua comunidade, fez com que esses imigrantes fossem construindo suas escolas, igrejas e demais instituições, uma vez que, estavam em outro país, porém não haviam referências e símbolos nacionais que os levasse a crer de que realmente estavam em outro Estado Nacional.

A primeira escola de Santa Rita, denominada “*Escuela Graduada 1933 Santa Rita*” foi o resultado de várias reuniões e cooperação entre os imigrantes. A madeira para sua construção foi doada pelo colonizador Adelino Vettorello, e os demais gastos,

assim como o pagamento dos professores era feito pelos padres da comunidade, num primeiro momento. No dia 01 de março de 1975 a escola foi inaugurada com a primeira classe de trinta alunos, todos brasileiros. (Texto baseado em um trabalho acadêmico de Metodologia da Investigação do curso de Psicologia da Universidade Nacional do Este).

Gradualmente, os imigrantes foram estreitando seus laços com esse outro país, construíram escolas, igrejas, clubes de lazer, rádios comunitárias. Nota-se que estes foram organizando esse espaço conforme referências que eles traziam do Brasil, o CTG (Centro de Tradições Gaúchas) é um exemplo claro dessa dinâmica.

El CTG. Centro de Tradiciones Gauchas comenzó en Santa Rita El 15/05/1990. Cuando un grupo de amigos aparecieron presentando tradiciones gauchas en el terreno del Fallecido José da Pieve en El barrio Sinuelo. A los pocos se formó su dirección y han adquirido su local propio. En El local del CTG comenzó las Expos Santa Rita en 1993 con iniciativa del CTG. Con La durabilidad de diez días. En esa expo Santa Rita, la segunda más importante del Paraguay llegaron expositores hasta del Brasil y Argentina y se realiza todos los años. El CTG conserva las tradiciones buenas y los valores Morales. El gran propulsor de estofue El señor José Picoloto. Hoy en día el Centro de Tradiciones Gauchas CTG. Tiene un equipo de jóvenes y niños, los cuales son reconocidos internacionalmente por sus danzas tradicionales, y han traído varios trofeos de primero puestos a Santa Rita. También cuenta con un grupo de adultos, y se realizan cursos de bailes para adultos dos veces al año. (Texto retirado de um trabalho acadêmico de Metodologia da Investigação, do curso de Psicologia da Univerdade Nacional del Este)

A importância do CTG para a manutenção de sua cultura serve como um mecanismo de ligação destes imigrantes ao seu país de origem, principalmente, ao Sul do Brasil. A cultura gaúcha é uma cultura cosmopolita, típica regional que transcende a fronteira como delimitação. Luiz, um dos entrevistados comenta sobre o gaúcho em Santa Rita, ele fala que:

[...] essa região cresceu basicamente com os gaúchos, os gaúchos entre parênteses, alemães, italianos, poucos polacos, mas têm também. Eu ousou dizer que por onde passa o povo gaúcho, passa o desenvolvimento, a educação, a formação que a juventude tem né. Essa brincadeira do CTG familiariza as pessoas, as famílias, de forma que eles se cooperem, é isso que esse ambiente gauchesco forma.

A cultura gaúcha é um produto da construção cultural de migrantes alemães e italianos que chegam ao Brasil, no final do século XIX e início do XX. Depois de determinado tempo de migração e estabelecimento dessas culturas no Rio Grande do Sul, inicia-se uma campanha de promoção à cultura tradicional gaúcha através de

espaços de tradicionalismo, os CTGs (Centros Tradicionalistas Gaúchos) surgem como a principal expressão do gauchismo, que busca reafirmar a tradição do velho mito gauchesco, e espalha-se em grande número por todo o Estado, levando esse movimento aos migrantes e seus descendentes.

A manutenção do gauchismo (das músicas, do mate, do churrasco, por exemplo) prova que a cultura foi passada de geração para geração, no qual esse culto simbólico é mantido no objetivo de que seja reproduzida constantemente a sensação de pertencimento. Entretanto, o interessante a ser ressaltado é a importância da construção desses CTGs no intuito de manutenção e reprodução da cultura gaúcha, seja em qualquer espaço e, inclusive em outro país. Segundo o texto publicado na revista intitulada “*Santa Rita: La comunidad y su Expo, reseña de una ciudad*”⁷:

La estructura del “Indio José” es afín a cualquier otro CTG. Estas sociedades civiles sin fines de lucro tiene por objetivo divulgar los usos, costumbres, folklore y tradicionaes de la cultura gaúcha, tan difundida en Suramérica, siendo característica diferencial para el caso del estado sureño de Rio Grande do Sul, en Brasil, con costumbres similares a las gauchescas de Argentina y Uruguay. Así mantenemos nuestros costumbres, de bailes, fiestas, encuentros, asados o churrascos. Buscamos conservar esas tradiciones. Recordó que el CTG “Índio José” fue creado para recordar ese bagaje cultural traído por los colonos a un país extraño, con cultura diferente. Se queria mostrar también las raíces de los colonos. Un aporte a la sociedad.

Observa-se neste relato, a importância atribuída a cultura gaúcha na formação do espaço de Santa Rita, além disso, deve-se ressaltar que ao longo da pesquisa, essa variável se tornou importante para compreender a conservação da cultura brasileira e as trocas culturais entre brasileiros e paraguaios na região. Ser “gaúcho” e manter esse vínculo com a cultura sulista faz parte da construção desse novo espaço cultural.

2.2 Caracterizando Santa Rita

Fundada por Osvino Schneider e colonizada por brasileiros, em sua maioria oriunda do Rio Grande do Sul, Santa Rita está localizada há aproximadamente 70

⁷A revista foi escrita especialmente para ser distribuída durante a Expo Santa Rita, trata se de uma revista com publicações acerca da história da cidade e com breves entrevistas de seus pioneiros. Além disso, a revista apresenta algumas empresas importantes da cidade, que possuem estandes no evento e, que provavelmente patrocinam tais publicações.

quilômetros da fronteira com o Brasil. Santa Rita está situada ao longo da Rota VI Juan León Mallorquin. Se encontra entre os distritos de Santa Rosa del Monday, Naranjal, e Colonia Tavapy. A cidade possui uma área de 698 quilômetros quadrados e seu número de habitantes é de aproximadamente 36 mil. Segundo o secretário geral da prefeitura o número de habitantes brasileiros e paraguaios é equilibrado, sendo muitos destes considerados paraguaios, filhos de brasileiros que possuem documentação paraguaia e também brasileira. Porém, segundo estimativas do Censo de 2012, dos 36 mil habitantes, aproximadamente 80% destes são colonos brasileiros e descendentes. Atualmente, 70% da população se dedica a agricultura para a importação e exportação de seus produtos, além disso, o comércio de insumos e implementos agrícolas é de grande importância para a economia da cidade.

Tenho contato com a cidade de Santa Rita desde meus dez anos de idade. Parte de meus parentes, primos e tios, moram em Santa Rita, na área urbana, e possuem comércio e terras na cidade e outros moram em Los Cedrales, distrito localizado há aproximadamente 150 quilômetros da fronteira com o Brasil. Estes são grandes proprietários de terras, que vivem no Paraguai há mais de 25 anos. Contudo, apesar de possuir certa “intimidade” com essa realidade, não foi tão fácil quanto eu imaginava pesquisar este universo, talvez porque primeiro, eu precisasse fazer o estranhamento que a antropologia nos propõe para então conseguir refletir e analisar o que eu me propunha a pesquisar. Assim, a antropologia coloca em xeque a naturalização que fazemos das coisas e, nesse sentido, esse estranhamento como forma também de auto-reflexão apontado por Peirano (1990), nos sugere uma “transvalorização”, uma maneira de aprender a ver-se uma vez que olhamos os outros, ou seja, voltar sobre nós o olhar previamente informado pelo contato com as diferenças.

Quando voltei a Santa Rita para realizar a pesquisa, fiquei hospedada na casa de uma prima, que mora bem no Centro da cidade. Ela e seu marido vieram para o Paraguai junto com seus pais quando ainda eram crianças. Conheceram-se aqui e se casaram, atualmente são donos de um dos maiores supermercados da cidade, além de possuírem terras e outros imóveis.

O convívio com eles foi muito importante para a pesquisa, pois sempre me auxiliaram indicando possíveis pessoas que pudessem ser entrevistadas, informações importantes sobre a cidade e seus pioneiros.

Durante minha viagem à Santa Rita, vou observando a paisagem pela janela do ônibus, o que antes era só terra e plantações, vai se transformando a medida que vamos nos aproximando da cidade, uma placa grande lá no alto, nos dá as boas vindas, chegamos em Santa Rita, uma das cidades mais importantes do departamento do Alto Paraná, a cidade está muito bem localizada sobre a Rodovia VI, esta é uma importante rota por onde os produtos agrícolas são exportados. Assim, São Rita está em um ponto central de desenvolvimento do país.

Conforme andamos, vamos observando a quantidade de comércios de maquinários, tratores, colheitadeiras e insumos agrícolas – grandes empresas renomadas neste setor têm filiais na cidade. – Além disso, ao longo da rodovia são vistas muitas pequenas lanchonetes, e dois grandes supermercados que se localizam muito próximos um do outro. Do outro lado da rodovia, para quem está chegando à cidade, um hotel de arquitetura bem diferente das demais construções, chama a atenção. Trata-se de um dos maiores hotéis da cidade, que serve também como um ponto de referência para quem está chegando pela primeira vez em Santa Rita, o hotel foi construído baseado na arquitetura alemã, seus proprietários são alemães e recebem um grande número de hóspedes estrangeiros, principalmente quando se realiza na cidade a “Expo Santa Rita”, segunda maior exposição agropecuária do Paraguai.

Caminhando pela cidade, podemos visualizar situações interessantes: A mistura de idiomas nos letreiros das lojas e, ainda os carros de som que fazem propaganda do comércio da região e das festas em Foz do Iguacu, ora em português, ora em espanhol. Essa pequena observação que fazemos espontaneamente nos faz refletir sobre a composição de diversas culturas que estão ali expostas. O guarani é pouco falado na cidade, a não ser nas casas dos paraguaios de mais idade – essa informação nos foi dada durante as entrevistas e conversas informais, uma vez que não foi objetivo deste trabalho investigar a utilização do idioma guarani. - Essa nova geração de paraguaios que não são descendentes de brasileiros está cada vez mais próxima da cultura brasileira, e isso é percebido cada vez que entramos nas lojas e conversamos com os funcionários e clientes. Eles falam o idioma português, escutam músicas brasileiras e assistem a canais de televisão brasileiros.

Ainda sobre isso, vale ressaltar que nos canais de rádio a maioria das músicas tocadas são brasileiras, no qual o sertanejo predomina. Segundo um dos entrevistados,

existe uma lei que obriga as rádios a pelo menos por 2 horas terem a programação em guarani, mas o que acontece é que os radialistas fazem esse horário por exemplo, das 2 às 4 da manhã, horário em que quase ninguém ouve. No início as rádios só tocavam e falavam em português e com o tempo introduziram o espanhol na programação. Mas de qualquer maneira, a música brasileira está presente em quase todas as pedidas, porque até mesmo os paraguaios, pedem as músicas brasileiras, eles gostam bastante.

Durante meu trabalho de campo, essa foi uma de minhas estratégias de aproximação com os nativos. Durante as tardes, eu fazia caminhadas pela cidade a fim de ir observando seu cotidiano e tentando me inserir nesse universo tão plural de culturas e identidades ora enfatizadas, e ora ocultadas. Assim, eu ia me aproximando dos comércios, fingia estar interessada em algum artigo que ali era comercializado e então começava a fazer algumas perguntas, dizendo que era estudante e que tinha muita curiosidade de saber como era a relação entre brasileiros e paraguaios na região. Num primeiro momento, algumas pessoas não entendiam o porquê desse meu interesse, e diziam não saber explicar o que eu estava perguntando. Mas logo, a conversa começava a fluir, e eles se sentiam mais a vontade para falar sobre o assunto. Assim, sobre o que eles falavam e como falavam muitos aspectos interessantes e que me ajudariam a compreender essa problemática iam surgindo em minha mente. Eu procurava fazer pequenas anotações para depois então fazer a descrição em meu diário de campo. O idioma em que falavam entre eles e comigo, os termos que usavam, uma vez que, a mistura dos idiomas português e espanhol é muito frequente, o conhecido *portunhol* realmente é muito falado na região, além disso, o sotaque alemão, também se fazia muito presente nas falas dos brasileiros e seus descendentes que moram em Santa Rita.

Santa Rita compõe um espaço peculiar, se localiza numa região de fronteira alargada, como aponta Albuquerque (2008, p. 53):

O processo migratório ocasionou um alargamento da faixa de fronteiras entre os dois países. (Foz do Iguazu – *Ciuda del Este*) no entanto esses fenômenos de misturas culturais e afirmação das identidades nacionais também podem ser observadas em municípios que estão situados num raio de até 100 km ou mais do limite internacional, ou seja, da fronteira, como Santa Rita, por exemplo.

Ainda sobre isso é preciso observar o fenômeno do alargamento da faixa de fronteiras entre Brasil e Paraguai que acontece de maneira desigual, uma vez que, a imigração paraguaia no Brasil é numericamente inferior ao que acontece no país vizinho.

Para Martins (1997), a realidade fronteiriça deve ser compreendida como um lugar de conflito e alteridade entre “nós” e os “outros” e como um espaço de várias temporalidades. No Paraguai esses conflitos acontecem basicamente entre os ideólogos do progresso, ou seja, os brasileiros que migraram para o país e lá se estabeleceram e se desenvolveram economicamente, e alguns setores da sociedade paraguaia, principalmente os camponeses paraguaios que não concordam com as políticas capitalistas de exploração que avançam cada vez mais sobre o país. Os conflitos entre esses sujeitos geram muitas disputas simbólicas e identitárias, mas ao mesmo tempo novas formas de integração e culturas híbridas vão sendo formadas.

No cotidiano da cidade, o idioma português predomina e, a sensação de estar em outro país não é tão intensa, uma vez que, durante esses quase quatro meses em que fiz minha pesquisa de campo precisei falar o espanhol apenas duas ou três vezes – nos momentos em que fui a Prefeitura e a duas escolas nacionais. Várias situações me fizeram refletir sobre como é se sentir estrangeiro e, o próprio sentimento de pertencimento ao nosso país. Eu atravessava a Ponte da Amizade no mínimo duas vezes por semana, para chegar a Santa Rita, e a fronteira, como um marco, ou um limite de Estado, passava despercebida em quase todas as viagens que fiz. O ato de atravessar um limite territorial e passar para outro país já tinha se naturalizado para mim, e foi nesse instante, que eu pude de alguma maneira me colocar no lugar desses sujeitos. A partir disso, a minha pesquisa encontrou a sua essência e seu objetivo, na tentativa de compreender os problemas que se colocam para esses sujeitos e, que fazem com que estes se posicionem e recriem suas práticas sociais. Um mundo cultural é recriado através dos elementos identitários que aos poucos, esses descendentes vão incorporando.

Nesse sentido, são os símbolos e representações que esses sujeitos dão as mais diversas práticas culturais e sociais em seu cotidiano, que vão construindo todas as identidades que são reproduzidas nesse espaço. Santa Rita, como já comentado anteriormente, está localizada numa região de fronteira alargada, e através disso, os agentes sociais que circulam nesse ambiente possuem liberdade para transitar nesse espaço fronteiriço, segundo suas interpretações e compreensões do que faz ou não parte de sua identidade. Eles agregam símbolos e rituais trazidos pelos seus pais imigrantes, vindos do Brasil, e práticas culturais paraguaias que aprenderam com seus colegas e que incorporaram no cotidiano de suas vidas.

A partir dessa realidade cultural existente nessa região, que alguns estudiosos se remetem a identidade “brasiguaiá”. No entanto, durante a pesquisa de campo, procurei das mais diversas maneiras compreender como essa identidade é vista por esses sujeitos. Através de entrevistas gravadas, conversas informais com os imigrantes brasileiros e principalmente com seus descendentes, que já estão em sua segunda e terceira geração de “brasileiros”⁸ no país, foi observado que essa identidade brasiguaiá, é uma auto-identidade negada, ou seja, os sujeitos assim identificados por esse termo, não se identificam com essa identidade e negam em todos os momentos que esse termo possa defini-los, pois eles não se reconhecem dessa maneira. Assim, não utilizo no meu trabalho, o termo brasiguaió, no momento em que eu me referir a esses sujeitos, apenas mencionarei brasileiros e seus descendentes.

2.2.1 As escolas e universidades de Santa Rita

A cidade conta com seis universidades privadas e uma nacional, que é a UNE (*Universidad Nacional del Este*), 45 escolas públicas que em sua maioria estão distribuídas pelas colônias, três destas que se localizam na cidade, são escolas subvencionais, ou seja, pertencem ao governo e também a iniciativa privada, muitas destas cobram taxas mensais dos pais dos alunos.

Durante a pesquisa visitei duas escolas na cidade, uma pública e outra subvencional; minha intenção era de observar o ambiente escolar, tanto em sua estrutura física, como também nas relações sociais entre seus alunos. No entanto, não obtive êxito. A diretora da escola não se mostrou muito receptiva à minha pesquisa, somente se dispôs a uma conversa depois de alguma insistência. Conversamos sobre como os alunos filhos de brasileiros se relacionavam com os demais colegas e, segundo a diretora⁹ existe certa integração, “*mas em vários momentos, e principalmente durante o recreio os alunos brasileiros se juntam em grupos e é difícil ver um paraguaio no meio*”. A fala da diretora já nos remete a uma reflexão, quando ela fala que é difícil ver um paraguaio junto, é porque ela não enquadra os filhos de brasileiros na categoria de paraguaios, mesmo eles tendo documentos e se identificando enquanto paraguaios. Contudo, essa discussão será feita no terceiro capítulo desta dissertação.

⁸Aqui, me refiro aos descendentes de brasileiros, muitos destes que possuem apenas documentos paraguaios, mas que, além disso, se identificam também com a cultura de seus pais e avós.

Na segunda escola que visitei, esta subvencional, fui muito bem recebida, acredito que porque fui acompanhada de uma ex-aluna da escola, que me apresentou e pediu para que pudéssemos conversar. A escola é dirigida pelas Irmãs da Caridade de São Vicente de Paula, e tem uma missão evangelizadora, uma vez que, toda manhã, antes do início das aulas os alunos se reúnem para fazer suas orações. Durante a conversa com uma das diretoras da escola, pude fazer algumas perguntas a fim de conhecer um pouco mais sobre as relações entre os seus alunos. A diretora falou que os alunos interagem de maneira harmoniosa e que mesmo com a diversidade de culturas e línguas eles se respeitam. O que de fato consegui observar nessa escola, durante seus intervalos, por exemplo, é de que os alunos falam suas línguas maternas, e ainda que, muitos paraguaios estão deixando de falar o espanhol para se comunicar em português com os filhos de brasileiros. Durante as aulas, os professores somente aceitam que os alunos falem em espanhol para fazer perguntas ou comentários. Segundo uma aluna¹⁰ do colégio, as aulas de Guaraní são muito difíceis e *“só os paraguaios mesmo que conseguem ir bem”*.

Como destaquei acima, conheci apenas duas escolas em Santa Rita, porém com as observações feitas, muitas situações vividas durante a minha pesquisa me ajudaram a refletir e compreender ainda mais o meu objeto de pesquisa. O ambiente escolar elucubra uma sociedade construída através de misturas e negociações culturais que são feitas cotidianamente pelos atores sociais que ali convivem. Em cada lugar visitado, essa cultura transfronteiriça se tornava cada vez mais presente.

¹⁰ Regina tem 18 anos, é filha de brasileiros, nascida no Paraguai, foi uma de minhas informantes, com quem tive bastante contato durante a pesquisa.

2.2.2 Igrejas e a tradição católica em Santa Rita



Figura 5: Inauguração da Igreja de Santa Rita em 1989. Fonte: Livro do Padre Florindo, disponível para consulta na Paróquia Santa Rita.



Figura 6: Paróquia Santa Rita reformada e inaugurada em 2002.

Fonte: Arquivo da autora.

Segundo o trabalho de Metodologia de alunos da UNE (já citado no presente estudo) a criação da comunidade católica da cidade de Santa Rita se deu da seguinte maneira:

En un día de mayo de 1975 el Pe. Florindo fue celebrar la santa misa a Cerro Largo. Hoy día Patricio Calmán. El sacerdote partió de la casa de Nicolau Schiroff que reside en la primera comunidad de Santa Rosa del Monday. Su casa está en el cruce que se va a Cerro Largo. Al concluir la celebración de la Santa Misa llega un señor llamado José da Pieve con su señora Inés e hijos y otros que vinieron con él, pidieron al Pe. una santa misa para las Familias católicas de Santa Rita. Les prometió que en junio pasaría por ahí y les marcaría la primera misa para la colonia Santa Rita y la fecha. En colonia Santa Rita, pasando por Formosa (Curupaty). Caminos solo de rolleros con pozos largos y profundos, llenos de barro y agua. Cuando llegó por las 21:00 horas se nun local, era un barcito chico (Esquina Gaucha). Ni siquiera preguntó si era Santa Rita pensaba que era. Para pasar 18 kilómetros había tardado seis horas. La santa misa se marcó el día 20/09/1975. Seguí viajen a Cerro Largo. Cuando volvió en setiembre para celebrar la santa misa en la colonia Santa Rita. Constató al final de la santa misa la ausencia de los que habían pedido la santa misa en Cerro Largo. Los presentes le contaron: Aquí no es Santa Rita, aquí es Esquina Gaucha, y entonces por medio de los de Esquina Gaucha, les indicó la fecha de la Santa Misa para octubre de 1975. En octubre de 1975 el Pe. Florindo se vá a Santa Rita. Fue una fiesta de mucha alegría para las veinte y dos familias católicas. Celebró la Santa Misa y busco animarlos. Les prometió que serían asistidos. Toda la zona era selva nativa. Los colonos despacito, sacaron el monte, abrieron caminos, sembraron y construyeron sus ranchos o casas. Que sacrificio! Hacían Kilómetros y Kilómetros a pié para encontrarse o comprar algo para sus necesidades. No había autos. Desde la primera Santa Misa, comenzaron a unirse a los domingos para celebrar el culto dominical. El Pe. Florindo les marcó la segunda Santa Misa para noviembre. En esa Santa Misa les pidió para construir en comunidad con los socios y la comisión un Centro Comunitario y elegirla patrona de la comunidad. Según el libro de Acta Número 1 de día 28 de Diciembre 1975 consta: Se reunieron en la escuela construida por ellos y fundaron la comunidad católica, fue elegida patrona de la comunidad "Nuestra señora Aparecida" que infelizmente sin consultar a nadie y ni la asamblea general; de la comunidad en el día de la elevación de la parroquia de Santa Rita, por decreto N.441 a los 15 de Abril de 1991 dado por el Obispado de Ciudad del Este, el Pe. Wilson Zanini cambióla Patrona Virgen Aparecida por Santa Rita. Ni siquiera consulto la comisión. El Pe. Florindo pidió al Obispo, Monseñor Oscar Páez Sarcete para volver a la patrona original de la comunidad. Pero este no acepto. Quién donó la imagen de Nuestra Señora de Aparecida fue Aguiñelo Ruhoffen 1976. Esta imagen de un metro actualmente está en el templo.

Os imigrantes brasileiros foram construindo a cidade de Santa Rita e seus espaços sociais, fazendo referência ao mesmo modelo sob o qual viviam no Brasil, aos poucos foram reproduzindo seu estilo de vida e construindo seus espaços de forma a se

organizar socialmente da mesma maneira que faziam em seu país de origem. Exemplo disso é construção da Igreja Católica, por exemplo, como citada no depoimento acima.

Durante a pesquisa, fui conhecer a Paróquia de Santa Rita, participei de uma missa e também fui a Secretaria da Igreja algumas vezes para conversar com uma funcionária sobre a relação entre brasileiros e paraguaios no ambiente religioso. Como falei, participei de uma missa e pude observar que a missa é inteiramente rezada em língua espanhola, os panfletos com orações e cantos estão também nessa língua.

Já na visita à Secretaria da Igreja onde conversei um pouco com a secretária, puderam ser feitas algumas reflexões a partir do que foi observado. A influência brasileira é clara, principalmente quando encontramos alguns informativos na parede escritos no idioma português, além disso, ela atendia as ligações também falando em português na maioria das vezes. A funcionária¹¹ disse que seu pai está no Paraguai há quatorze anos e que já se considera paraguaia, porque sempre morou ali. Segundo ela *“Santa Rita é uma cidade de muitas culturas e por mais que eu me considere paraguaia, eu também sou brasileira, sou descendente de alemães, sou gaúcha. Acho que aqui temos várias identidades”*.

Ainda, durante a conversa, Fernanda contou que há uma boa convivência entre os brasileiros e os paraguaios, que cada grupo foi incorporando elementos da cultura do outro, e que embora exista preconceitos e conflitos, a integração é maior.

Essas informações nos deram base para analisar como se constrói a ideia de pertencimento e identidade nesses atores sociais. Essa discussão será feita no terceiro capítulo deste trabalho.

¹¹ Fernanda tem 22 anos, é estudante e trabalha na Secretaria da Paróquia de Santa Rita, é filha de brasileiros, e sempre morou em Santa Rita.

2.2.3 A Expo Santa Rita: culturas e tradições



Figura 7: Cartaz da Expo Santa Rita. Fonte: <http://exposantarita.com.py/>

Um dos principais atrativos e motores da atividade local se constitui em sua exposição anual, que preferencialmente acontece nos meses de maio durante todos os anos. Esta exposição se situa como o principal ponto dos agronegócios do país, segundo o site do evento, a Expo Santa Rita é a segunda maior exposição do Paraguai, ficando atrás apenas para a de Assunção.

Em um texto publicado pela revista “*Santa Rita: La comunidad y su Expo, reseña de una ciudad*”, é destacado que:

“la principal actividad económica es la agricultura, con un especial desarrollo de la ganadería. Rubros como soja y maíz lideran las plantaciones. En ganadería se buscan opciones con muy buena genética, tanto en bovinos como ovinos. Existen igualmente granjas con excelente producción Porcina y avícola, así como la piscicultura que tiene referentes importantes en la región”.

A Expo Santa Rita em 2013, ocorreu entre os dias 3 e 12 de maio, com o slogan “*El Universo del Agronegocio*” a exposição atrai milhares de pessoas de todo o país e, inclusive do Brasil. Esta foi a sua 21ª edição realizada e organizada como em todos os anos, no Centro de Tradições Gaúchas, o CTG Índio José, que dentre os muitos de seus

objetivos está a tarefa de divulgar a tradição da cultura gaúcha pelos imigrantes brasileiros e seus descendentes.



Figura 8: Grupo de danças típicas gaúcha, que se apresentou na Expo Santa Rita 2013. Fonte: arquivo da autora.

Durante a feira são feitas diversas apresentações de danças típicas gaúchas pelos grupos de danças formados pelo CTG, nota-se claramente a forte influência do gauchismo na cultura da cidade. Em entrevista, o professor¹² de dança gaúcha nos falou que:

A maioria dos brasileiros que moram em Santa Rita participa ativamente do CTG, além disso, muitos paraguaios também participam porque gostam das músicas e acham bonito. O CTG Índio José é o principal ponto de lazer da cidade, organizamos jantares dançantes, festas do dia da mulher, e a Expo que é o maior evento que participamos e ajudamos a promover.

Durante a visita feita à Expo, puderam ser feitas observações interessantes para a pesquisa e que nos levaram a compreender de fato as dinâmicas culturais em Santa Rita

¹² Renato é brasileiro, oriundo do Rio Grande do Sul, vive em Santa Rita há 20 anos, atualmente possui um comércio de artigos para montaria e também é professor dos grupos de dança gaúcha desde o infantil até o adulto.

e, como os sujeitos circulam entre essas identidades transfronteiriças. O predomínio dos idiomas português e alemão durante as conversas ouvidas é uma situação importante para a compreensão de como se dão as relações sociais neste ambiente. A forte presença dos menonitas também é digno de se destacar, uma vez que estes próprios se destacavam entre os demais visitantes, principalmente por suas vestimentas. Já os paraguaios se encontravam nas lojas de artigos chineses, esse espaço onde trabalhavam, parecia um pequeno pedaço de *Ciudad del Este* – fazendo uma alusão as barracas que vendem todo tipo de artigo no centro da cidade – além disso, eram vistos trabalhando no setor de segurança, alimentação e de lazer, uma vez que, a maioria das empresas e expositores eram brasileiros. Nota-se aqui o fato de que esses brasileiros estão inseridos em sua grande maioria, na classe detentora do capital e, já os paraguaios vão preenchendo os espaços de empregados e autônomos. Observa-se então um duplo processo neste contexto: a expansão da fronteira econômica brasileira no Paraguai, com o desenvolvimento e fortalecimento do agronegócio, não obstante a isso, a manutenção da cultura do trabalho e discurso do pioneirismo e; a criação e demarcação de fronteiras culturais e sociais no novo território se fazem presentes em todo esse processo.

Nos últimos dias da Expo, fui acompanhada por minha prima, que me recebeu em sua casa durante toda a pesquisa. Ela me apresentou à um amigo¹³, dizendo que ele era brasiguai, porém logo ele disse que não, que ele era paraguaio. Logo me empolguei e consegui uma brecha para iniciar uma conversa, perguntando a ele o porquê se considerava paraguaio, ele disse que porque nasceu no Paraguai e tem documentos paraguaios e também porque não tem vontade de morar no Brasil, dizendo que aqui é melhor principalmente pela questão econômica, *“se estivéssemos no Brasil, não teríamos o que temos hoje”*.

Logo, pedi a ele se podia entrevistá-lo para minha pesquisa, ele disse que sim, mas que preferia que não fosse gravada. Dessa forma, fiz algumas perguntas a fim de orientar a conversa, sobretudo pedi que me falasse sobre como vieram para Santa Rita, e como ele via a cidade, em relação a sua cultura e seu cotidiano. Daniel começou falando que seus pais vieram para o Paraguai em 1981 através do tio que veio para cá em 1980 atraídos pela terra, plantaram menta e soja e como se deram bem, com o tempo foram adquirindo mais terras e fazendo suas vidas no Paraguai. Ele comenta que

¹³ Daniel tem 28 anos, nasceu no Paraguai, é descendente de italianos vindos do Rio Grande do Sul. Ele é um dos expositores da Expo Santa Rita.

[...] O Paraguai querendo ou não, nos deu progresso, e apesar de alguns paraguaios, paraguaios mesmo não gostarem da gente e ficarem falando da guerra e tal, a gente também se considera paraguaio, e a gente que fez esse país crescer, porque eles não gostam muito de trabalhar, e tudo bem que isso pode ser uma herança da guerra né, porque os homens paraguaios não trabalham, quem trabalha são as mulheres, assim, porque quando tiveram a guerra, morreram muitos homens, e os poucos que restaram tinha a função de reproduzir e repovoar o país. [...]

Em sua fala, Daniel ainda compara os paraguaios com os nordestinos, ele explica que “os brasileiros da região sul não são brasileiros, são alemães, italianos, praticam a cultura europeia. Os verdadeiros brasileiros ficam no norte e nordeste porque são descendentes dos índios, por isso são parecidos com os paraguaios”.

Percebe-se em sua fala a divisão que ele faz dos brasileiros em dois grupos: os brasileiros que não puros, porque praticam a cultura europeia do trabalho e do progresso, e os brasileiros que segundo ele descendem dos indígenas, que não têm a cultura do trabalho, iguais aos paraguaios. A qualidade de ser trabalhador seria devido à descendência europeia dos brasileiros, categoria que ele se encaixa e talvez por isso não se reconheça como brasileiro “verdadeiro”, conforme disse no início da entrevista.

Existem nas falas do entrevistado, em diversas situações, preconceitos e estigmas que são apresentados de maneira muito clara e outras vezes nas entrelinhas de seu raciocínio.

Outro fato a ser destacado em sua fala que se remete a guerra, segundo Daniel são as lembranças da guerra que reativam as mágoas dos paraguaios, e isso justifica a não aceitação dos paraguaios à presença brasileira. Ele falou que já presenciou muitos episódios em que os paraguaios relembavam essa guerra. “*Quando as terras de meus pais foram invadidas um paraguaio colocou uma faca no pescoço da minha mãe e disse que a gente já matou muitos paraguaios, agora era a vez deles de matar alguns brasileiros*”.

Sobre isso, Albuquerque (2010) mencionou em seus estudos o fato de muitos paraguaios recorrerem às memórias do passado, para justificarem o fato de não aceitarem os brasileiros no Paraguai. As memórias do passado, principalmente dos fatos de grande importância, servem para configurar as fronteiras políticas e culturais, reafirmando assim as identidades nos momentos de conflitos. Esse processo de afirmação de identidades que orientados a uma expedição ao passado, transformam a oralidade atual em símbolo de identificação e conseqüentemente de diferenciação do outro.

No entanto, vale ressaltar que essa menção a Guerra do Paraguai, e a relação disso com os conflitos entre os sujeitos não foi problematizada durante a pesquisa, devido a poucas evidências encontradas e também de não ser o foco desse estudo.

Durante a pesquisa, principalmente nos momentos de conversas informais com os brasileiros e seus descendentes, percebi em suas falas os preconceitos que ali existiam e muitas vezes eram ditos através de uma brincadeira, ou seja, falavam o que pensavam dos paraguaios, de maneira que aquilo soasse como uma piada, por exemplo.

Porém, o que devemos ressaltar aqui é que Santa Rita, aos meus olhos de pesquisadora, mostrou-se um lugar onde existe integração e um convívio harmonioso entre brasileiros e paraguaios. No entanto, isso não significa que não seja um ambiente de tensão e de conflitos culturais, permeados por diversas representações e simbologias que esses sujeitos carregam consigo. O discurso do trabalho e pioneirismo feitos por eles, reflete algumas dessas representações culturais. Albuquerque (2010, pág. 161) fala sobre isso quando ressalta a construção da identidade coletiva dos brasileiros através da exaltação do trabalho e de sua identificação como trabalhadores. Segundo ele, “na construção dessa identidade coletiva, os imigrantes reforçam preconceitos em relação aos paraguaios e afirmam sua superioridade econômica e cultural”.

A partir disso, vão sendo criadas as fronteiras entre “nós” e “eles”, os imigrantes brasileiros utilizam o discurso classificatório de que são os “pioneiros” e “trabalhadores”, e os paraguaios são “preguiçosos” e “não gostam de trabalhar”. Esse discurso está arraigado na ideologia do trabalho que se destacou principalmente com a vinda dos imigrantes europeus para o continente americano entre a metade do século XIX e início do século XX, que vieram para desenvolver a ética do trabalho e civilizar as novas nações.

O discurso capitalista do pioneirismo brasileiro, do trabalho e do progresso é reproduzido pelos jovens descendentes de brasileiros, durante vários momentos, nos comentários espontâneos que faziam durante as conversas informais. Mateus¹⁴ fala que:

Se não fossem os brasileiros eles estariam sem nada, tomando tereré na sombra e comendo chipa. Os paraguaios não são trabalhadores, agora que eles estão aprendendo com os brasileiros.

¹⁴Mateus tem 19 anos, é paraguaio e filho de paraguaios e mora em Santa Rita.

Nas entrevistas obtidas durante o trabalho de campo, são muitos os momentos em que podemos perceber essa ideologia nos discursos dos brasileiros. Discursos estes que vão sendo passados de pai para filho, quase que como uma tradição familiar.

2.2.4 Somos Gremistas, somos Gaúchos



Figura 9: Bar onde os torcedores do Grêmio, time brasileiro se reúnem para assistir aos jogos. Fonte: Arquivo da autora



Figura 10: Faixa exposta em uma das paredes do Bar Preliminar. Fonte: Arquivo da autora

A identidade regionalista é muito forte e muitas vezes se sobrepõe a identidade nacional, isso foi percebido em diversas situações como em entrevistas, conversas informais, e principalmente na observação do espaço. Durante a entrevista com Samuel, ele diz frases do tipo: “*Duvido gente mais honesta, trabalhadora e progressiva do que os sulistas*”. Os gaúchos e seus descendentes aqui são a maioria e, durante as observações e conversas é facilmente possível reconhecer a cultura gaúcha no cotidiano da cidade. O bar de torcedores do Grêmio (time brasileiro do Rio Grande do Sul) é um exemplo claro da importância que a cultura gaúcha exerce na cidade.

Nesse sentido, apresentarei nesse momento, a descrição de um episódio em que fui conhecer esse bar gremista e me deparei com uma realidade que ilustrou ainda mais as minhas observações e considerações em relação a forte presença da cultura gaúcha na região.

Era uma tarde de sábado e neste dia teria o jogo do Grêmio pela Copa Libertadores da América, resolvi ir assistir o jogo no bar e aproveitar para ir fazendo amizade com os torcedores, no objetivo de me inserir no grupo e fazer minhas observações. Fui me aproximando da porta de entrada, quando todos me olharam com “caras” de curiosidade, havia apenas mais uma mulher assistindo o jogo, o resto eram homens, a maioria com a camiseta do Grêmio, tomavam cerveja e falavam sobre a tabela de classificação do campeonato. O jogo ainda não havia começado e por isso eles conversavam bastante, sempre falando muito alto. No momento em que cheguei ao bar e todos me olharam, fui logo me apresentando, disse que eu era de Foz do Iguaçu, e estava vindo conhecer a cidade e realizar algumas pesquisas da Universidade. Todos se mostraram muito receptivos, principalmente, quando viram minha tatuagem no braço, com a escrita “Grêmio”, e logo constataram que se tratava de mais uma torcedora louca e fanática gremista. Ofereceram uma cadeira para que me sentasse a frente da televisão, e logo foram me bombardeando de perguntas (nesse momento não me senti a pesquisadora, e sim a entrevistada), ali todos eram gaúchos ou filhos de gaúchos que vieram do Rio Grande do Sul na época do grande fluxo migratório da década de 70. Eles me perguntavam sobre o que eu estudava e sobre quanto tempo eu ficaria em Santa Rita. Aos poucos fui tomando o controle da situação, e voltei ao meu posto de entrevistadora – claro de maneira informal. No entanto, logo o jogo começou e as conversas se silenciaram, o que se ouvia entre uma jogada e outra, eram os

“xingamentos” e sugestões de passes e dribles que eles faziam aos jogadores. O jogo estava bem parado, nenhum chute a gol ou cobrança de falta, assim novamente passei a ser o interesse deles, e voltamos a conversar. Logo, Pedro¹⁵ puxou conversa comigo me perguntando o que eu realmente estava pesquisando aqui. Respondi de modo geral, que era sobre a cultura brasileira e sua influencia na região. Assim que finalizei a fala, ele foi logo dizendo: “*Pois é alguns dizem que aqui é um pedaço do Brasil e, é mesmo, aqui a cultura brasileira é muito forte, Bah! Olha só onde nós estamos, num bar gremista, tem cidades no Brasil que não têm um bar como o nosso.*” Podemos analisar vários aspectos interessantes na fala de Pedro, primeiro o fato dele próprio reconhecer a grande influência e importância da cultura brasileira em Santa Rita, sem que eu tivesse mencionado nenhuma afirmação desse caráter. E outro ponto muito importante que será trabalhado de forma mais profunda, é a presença das gírias gaúchas no vocabulário desses sujeitos, “bah”, “tchê”, “borracho” são algumas e, talvez as mais utilizadas de forma frequente nas conversas.

Segundo eles, alguns paraguaios também vão ao bar e gostam muito de assistir e torcer pelo Grêmio. Inclusive numa segunda visita que fiz ao bar, conheci um desses paraguaios torcedores do Grêmio; ele ajuda os demais a venderem as bebidas para os torcedores, estando à frente, até mesmo da direção do bar.

Se não houvesse uma bandeira paraguaia pendurada na parede, poderíamos dizer que estávamos no Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, pela grande quantidade de bandeiras do Estado e do time gaúcho. O ambiente é composto por fotos, réplica de troféus e tudo quanto é objeto estampado com as cores do Grêmio. Para assistir aos jogos eles recebem sinal da SKY, onde o aparelho central fica em Porto Alegre, e manda sinal via satélite para eles, em Santa Rita e mais cinco pontos no Paraguai. Esse aparelho é administrado pelo irmão de Pedro, que presenciei várias vezes ligando para ele quando acontecia algum problema com a transmissão dos jogos e, ficavam sem sinal da emissora.

Voltando a conversa com Pedro, logo que me disse sua opinião sobre a presença da cultura brasileira na região, eu lhe questionei se haviam paraguaios que frequentavam o bar e o CTG, ele então disse: “*alguns paraguaios gostam muito do*

¹⁵Pedro é brasileiro, tem 27 anos e veio para o Paraguai com seus pais há aproximadamente 20 anos, ele é gaúcho – e isso é logo perceptível em sua fala, pelo forte sotaque gaúcho, que ainda não se perdeu – Pedro é técnico em uma empresa agrícola em Santa Rita e, é um dos organizados do bar gremista. Conforme cita nas conversas, ele vai constantemente para o Rio Grande do Sul, visitar a família e amigos e, também para assistir aos jogos do Grêmio.

futebol e das músicas gaúchas, mas a maioria é brasileira, claro”. Nesse momento, alguns torcedores entraram na conversa e foram dando suas considerações. Fábio¹⁶ logo diz: “*Mas eu sou paraguaio! Nasci aqui no Paraguai, meu pai é paraguaio, é aqui que eu vivo*”. Fábio pareceu adivinhar que era exatamente nessa discussão que eu queria chegar, ele introduziu o tema das identidades, para que dessa forma eu pudesse questioná-los de maneira mais natural durante a conversa. A frase dita por Fábio e, mencionada acima, está presente em quase todas as narrativas recolhidas durante a pesquisa, esses sujeitos afirmam de maneira muito convicta sua identidade paraguaia, mas logo admitem a forte influência da cultura brasileira, mas principalmente a mistura de elementos de cada uma delas, desta forma, é com relação a estas afirmações que surgiu o interesse de testar o conceito de identidade transfronteiriça neste trabalho. Este conceito será debatido através de autores que discutem a problemática das identidades na fronteira, e apresentado no capítulo seguinte.

Continuando a conversa com Fábio, logo que afirmou sua identidade paraguaia, perguntei a ele, de maneira desconfiada, se sua mãe também era paraguaia (estranhando o fato dele falar tão bem o português). Então ele me disse que sua mãe é brasileira, veio do Rio Grande do Sul e, aqui se casou com seu pai, ambos foram vereadores de Santa Rita anos atrás. Continuando a fala de Fábio, sem que eu interferisse na conversa, ele disse:

Quando eu era menor, na minha infância, principalmente no colégio, eu sofria muito porque ficava na corda bamba, eu tinha o grupo de amigos paraguaios e o grupo de amigos brasileiros, aí as vezes me identificava com uma cultura, as vezes com outra [...] Eu falo bem o espanhol, o português e também um pouco de guarani, que eu mais entendo do que falo. (Trecho de uma conversa com Fábio, retirado do diário de campo, registrado em 16 de março de 2013)

Perguntei então, qual idioma ele falava em casa com seus pais e qual era mais usado em seu cotidiano. Fábio então me disse que em casa falava mais o português com seus pais, e dependendo da situação era preciso falar o espanhol com alguns paraguaios. Conforme ele falava, Pedro concordava com o que dizia, afirmando que o português era o idioma mais usado e que até mesmo os paraguaios estavam falando o português, conforme cita:

¹⁶Fábio é brasileiro, tem 32 anos e, nasceu em Santa Rita. Seu pai é paraguaio e sua mãe é brasileira, vinda do Rio Grande do Sul na década de 80.

Aqui nessa região né, porque lá em Asunción é diferente, estou falando especificamente daqui de Santa Rita, Santa Rosa é, os paraguaios falam o português com a gente, então nem é preciso falar o espanhol, apenas dentro das instituições, tipo quando você vai a prefeitura, na escola, na igreja, nesses lugares o espanhol é exigido, mas fora disso, o português domina. (Trecho de uma conversa com Pedro, retirado do diário de campo, registrado em 16 de março de 2013)

Logo que encerrou sua fala, Fábio pediu para que Pedro colocasse no canal que estava sendo transmitido o jogo do Grêmio, pois o intervalo já deveria estar acabando. Após muitas tentativas, percebemos que o sinal estava falhando, Pedro então decidiu ligar para seu irmão, que mora em Porto Alegre, para perguntar o que estava acontecendo. Ele informou que havia acontecido um problema com o aparelho de transmissão durante o intervalo e, que também não estavam mais conseguindo acessar o canal do jogo.

Ninguém acreditava no estava acontecendo, o bar estava cheio de torcedores que foram assistir ao jogo e agora, a única possibilidade de acompanhar o jogo era através da rádio. Aos poucos alguns torcedores foram indo embora, e outros foram se concentrar na casa de um amigo, e Fábio então me convidou para ir assistir o jogo com eles, mas já estava anoitecendo e preferi ir para casa, dizendo que ficaria para uma próxima oportunidade. Fábio e Pedro disseram que me esperariam para o próximo jogo e, para que pudéssemos conversar mais sobre a minha pesquisa. Trocamos contatos telefônicos e, disse que quando eu voltasse para a cidade, na outra semana, eu ligaria para Pedro para marcamos de tomar uma cerveja e conversar mais um pouco.

Tive contato com esse grupo de torcedores durante toda a minha pesquisa de campo, não só pessoalmente, mas também pela internet pudemos conversar e aos poucos fui recolhendo dados significativos para a construção do trabalho. A internet se tornou um meio de grande importância dentro da pesquisa, porque através dela e, principalmente das redes sociais, consegui manter contato com meus informantes e também observar como estes se relacionavam e se comportavam no ambiente virtual, o idioma em que se comunicam, seu círculo de amigos, os eventos dos quais participam. Todas essas informações compõem dados importantes para esse estudo, uma vez que, me proporcionaram observar como esses sujeitos se relacionam e reproduzem suas influências culturais em seu cotidiano.

Nesse sentido, posso destacar que a observação participante me permitiu a descoberta de fatos invisíveis por meio da dedução construtiva, assim como assinala

Goldman (2003, p. 317) os fatos e as respostas não são dadas, a importância está nos significados que os sujeitos dão para suas práticas.

Assim, voltando ao episódio de minha visita ao bar gremista, é possível identificar cada significado que eles davam aos símbolos ali presentes tanto fisicamente, quanto de maneira propriamente simbólica. Observando as falas dos sujeitos ali presentes, juntamente com o contexto em que estávamos inseridos e as relações que se davam naquele momento, podemos ressaltar o que Barth (1998) destaca sobre o contato entre diferentes culturas. O pesquisador explica que apesar do contato entre estas, alguns traços e características culturais permanecem devido a processos sociais de exclusão, outras se modificam e ainda, algumas são incorporadas.

Nesse sentido, podemos refletir a dinâmica das identidades nessa região de fronteira. Os brasileiros e seus descendentes afirmam sua identidade paraguaia, entretanto reconhecem que suas práticas culturais são muito mais brasileiras do que paraguaias, como Pedro destacou acima, eles usam o português frequentemente, torcem por times brasileiros, e como já destacado, valorizam e reproduzem os símbolos e tradições da cultura gaúcha, cultura essa herdada de seus pais e que fazem questão de vangloriar e dizer com orgulho que são gaúchos, acima de tudo. Porém, do contato com a cultura paraguaia surgiram novas relações culturais que permitiram que características da cultura do Outro, pudessem ser incorporadas às práticas culturais reproduzidas nesse ambiente. A partir disso, novas identidades são construídas constantemente e é nessa relação entre culturas e fronteiras culturais numa região fronteira que o fenômeno das identidades transfronteiriças ganha espaço para ser discutido e refletido.

3. IDENTIDADE E ALTERIDADE: ETNOGRAFANDO A VIDA SOCIAL E AS IDENTIDADES RECRIADAS NA FRONTEIRA ALARGADA. O FENÔMENO DAS IDENTIDADES TRANSFRONTEIRIÇAS

Nesse terceiro e último capítulo, apresenta-se um estudo sobre a construção da identidade transfronteiriça, no caso de Santa Rita, distrito paraguaio localizado próximo a fronteira com o Brasil. Através da pesquisa de campo onde foram utilizadas as técnicas de entrevistas e observação participante - conforme exposto na introdução desta dissertação - e pesquisa bibliográfica, onde foi identificado o fenômeno das identidades transfronteiriças, sendo apresentadas nesse texto, as dinâmicas de construção e recriação das identidades nessa região.

As zonas fronteiriças são zonas de empréstimos e apropriações culturais e por isso, um lugar privilegiado para a compreensão do fenômeno das identidades. Essas fronteiras tanto podem se configurar como lugar de controle e de transgressão, seja das fronteiras geopolíticas seja das fronteiras culturais e da subjetividade. Nesse contexto, percebemos uma(s) identidade(s) em movimento que se estabelece(m) de acordo com a apropriação do espaço dando a ele um novo sentido.

3.1 Sobre as fronteiras e os fronteiriços

A formação socioespacial dessa zona de fronteira alargada, mais precisamente da região de Santa Rita, foi marcada pelo entrelaçamento de culturas nas trajetórias de múltiplos sujeitos. Isso possibilitou a construção de uma identidade “transfronteiriça”, pois do lado paraguaio, muitos brasileiros se reterritorializam e incorporaram ao território elementos de sua cultura de origem e de suas experiências, envolvendo-se assim em processos de transculturações e identificações que permitem a esses sujeitos reelaborar suas identidades culturais/territoriais. O caráter multicultural desse local não se expressa apenas no uso do espanhol e do português, por exemplo, mas nas relações divergentes e convergentes que se dão entre uma cultura e outra.

Esse lugar fronteiriço que se apresenta num espaço de fronteira alargada, exhibe relações e movimentos de pessoas que transitam, deslocam-se e, conseqüentemente,

definem o lugar a partir dos efeitos produzidos e conteúdos expressos, tanto nos aspectos da vida cultural quanto nos aspectos identitários que também se deslocam e se pluralizam (Hall, 2003). Esses sujeitos que vivem a e na fronteira podem ser classificados em categorias, como fronteiriços, aqueles nascidos nessa zona de fronteira; e os fronteiriços internacionais migrantes, que incluem todos os estrangeiros (MARCANO, 1996).

Mondardo (2013) apresenta um estudo sobre a construção da identidade transfronteiriça dos paraguaios que vivem em Dourados, no Mato Grosso do Sul. A discussão feita por Mondardo reflete a problemática abordada nesse trabalho, as variáveis estudadas são mesmas, só que estão situadas em regiões diferentes. Em seu trabalho, é destacada a fala de um morador do município de Dourados, segundo ele, um “fronteiriço” onde sua trajetória de vida,

[...] experimenta esse trânsito transterritorial, esse corpo atravessado/marcado/dividido pela fronteira, ora “paraguaio”, ora “brasileiro, que parece ter elaborado uma identidade híbrida que tem sua potência e força vital pela “mistura”, nas mesclas e trocas culturais definidas como fronteiriças, pois “tem o paraguaio, tem o brasileiro e tem o fronteiriço, que é uma mistura de tudo”, como o próprio migrante paraguaio ressaltou. (MONDARDO, 2013, p. 70)

Nesse sentido, a região de fronteira alargada do lado paraguaio também apresenta esse fenômeno das identidades transfronteiriças. No decorrer desse capítulo será exposta a dinâmica de construção e reconstrução dessas identidades.

De modo a se adaptar e também a organizar sua vida num novo lugar, os brasileiros foram construindo a cidade de Santa Rita, são vários os depoimentos que ressaltam a importância da imigração brasileira para a formação e o “progresso” da cidade, como comentado por Carlos:

[...] você tá vendo hoje né, não precisa nem falar, se a gente vai contar todos os passos até chegar aqui... nossa são quarenta anos né, que nós estamos aqui. Aqui em Santa Rita mesmo, nós somos mais paraguaio que tudo eles, porque eles vieram depois. Nós que criamos essa cidade, depois de tanto tempo. Daí abriu essa estrada, resolvemos lotear, começaram lotear e começou a sair Santa Rita. E por isso que eu to aqui na prefeitura, as vezes alguns falam, porque que brasileiro tem que tá aqui, porque naquele tempo nem paraguaio não tinha aqui, nós que criamos essa cidade e como obrigação moral nós tinha que cuidar da nossa comunidade. Nós estamos dentro do Paraguai, mas essa cidade só é o que é hoje por causa dos brasileiros que vieram para cá, criaram e desenvolveram isso aqui.

O testemunho acima é apenas um dos diversos depoimentos coletados durante a pesquisa e, igualmente todas as falas são muito parecidas no que diz respeito a criação da cidade de Santa Rita e ao papel fundamental dos brasileiros em seu desenvolvimento. O discurso do trabalho e do progresso é percebido também na fala de todos os entrevistados que relatam com orgulho o sucesso obtido com a migração para o Paraguai. Foi desse contexto que se constituiu o trânsito transfronteiriço da territorialidade brasileira em Santa Rita no Paraguai.

Durante a pesquisa de campo, conversando com uma de minhas informantes, pedi a ela que escrevesse um texto ou um breve relato sobre a cidade de Santa Rita, em relação a sua cultura e como ela enxergava essas múltiplas culturas existentes na cidade. Afim de um melhor aproveitamento do material, para que este conseguisse atender aos meus objetivos, sugeri alguns pontos centrais que ela poderia abordar no pequeno texto. São eles: como ela se identificava em relação a sua cultura, como eram as relações entre brasileiros e paraguaios na cidade e de que maneira era feito seu contato com o Brasil. Marcela tem 21 anos, é filha de brasileiros, nasceu em Santa Rita e sempre morou no Paraguai. Seus pais migraram ainda crianças para o Paraguai na década de 1980, lá se conheceram e se casaram. Sua família possui terras em Santa Rita e são donos de um comércio de alimentos na cidade.

Num primeiro momento Marcela ficou meio tímida para aceitar meu pedido de escrever o texto, mas depois aceitou e pediu uns dias até que me entregasse de maneira digital. A ideia de apresentar o texto escrito pela informante nesse trabalho faz parte do objetivo de dar voz aos sujeitos para então compreender os significados que são atribuídos por eles aos objetos de nossa pesquisa. Desse modo, segue abaixo o texto escrito:

Santa Rita é conhecida como “o Brasil dentro do Paraguai”, porque é uma cidade onde muitas culturas se encontram, aqui tem o brasileiro, o paraguaio, o alemão, o italiano, etc. Mas o brasileiro aqui é a maioria, até porque a cidade foi criada pelos brasileiros no ano de 1973 e desde então a cidade vem crescendo a cada ano. A Expo Santa Rita é a segunda maior expo do Paraguai, e atrai muitos empresários por conta das tecnologias agrárias que são expostas. Em relação a cultura da cidade, acredito que não podemos dizer que nem é brasileira, nem é paraguaia, porque existe uma mistura muito grande, e nós que moramos aqui também não podemos dizer que somos uma coisa nem outra. Acho que são várias identidades, se assim posso dizer. As vezes nos identificamos mais com a cultura brasileira quando assistimos as novelas e os programas de tv do Brasil, por exemplo e, também quando escutamos a música sertaneja que é bem forte aqui. Além do português que falamos muito mais do que o espanhol. Mas também nos identificamos com a cultura paraguaia, com relação as comidas principalmente, porque os

brasileiros se adaptaram muito bem a comida paraguaia e também com as danças. Uma das coisas importantes a serem destacadas é que estamos muito próximos da fronteira com o Brasil, algumas pessoas vão diariamente para Foz do Iguaçu estudar, fazer compras e também para lazer. Exatamente por isso, Santa Rita é diferente das demais cidades paraguaias, porque está próxima da fronteira e isso possibilita que os brasileiros tenham contato com sua cultura.

No registro acima, Marcela escreve sobre como vê as características culturais de Santa Rita, talvez o ponto mais importante que se destaca é o fato dela descrever sobre a fronteira e facilidade de acesso que os brasileiros têm para o Brasil, isso denota o significado que a proximidade com o seu país de origem, e no caso dos descendentes com os país de origem de seus pais, têm para esse sujeitos, uma vez que, estar próximo do Brasil significa viver de maneira intensa essa identidade brasileira que foi reterritorializada para além da fronteira física (como marco divisório), possibilitando assim que estes sujeitos continuem mantendo contato com sua cultura de origem para que desta forma, reelaborem sua identidade e reconstruam suas relações sociais no novo território. Sendo assim, Sayad (1998) entende o migrante como um sujeito múltiplo e em trânsito socioespacial que possui sua mobilidade condicionada além do fator político e econômico, mas principalmente envolvida em processos de transculturações e identificações.

Assim, a fronteira cria um ambiente marcado por relações complexas, ou seja, culturas e identidades diferentes que criam condições para produção e reprodução de relações sociais que levam à afirmação da diferença, e também nesse caso dos brasileiros no Paraguai, esse ambiente fronteiriço também possibilita a continuidade da vivência da identidade brasileira.

Os brasileiros no Paraguai, fazem parte de uma comunidade transnacional que se envolve em atividades transfronteiriças significativas, que se caracterizam por 1) aspectos políticos: quando a comunidade transnacional, baseada na união do grupo se organiza para fazer transformações no país de origem, isso pode ser observado nos períodos de campanha política, quando muitos brasileiros emigrantes atravessam a fronteira Paraguai-Brasil, para votarem em seus candidatos, principalmente na cidade de Foz do Iguaçu; 2) aspectos culturais: quando as comunidades que insistem em preservar a herança cultural e a língua oficial de seu país de origem, e passar essa cultura a seus filhos e netos. Dessa forma, o intenso contato e fácil acesso ao Brasil através da fronteira que está muito próxima, facilitam ainda mais que essas atividades sejam

exercidas. Esses imigrantes continuam mantendo contato com a sua cultura de origem, principalmente pela facilidade possibilitada pelas tecnologias de comunicação e transporte.

Raffestin (2005) discute a ideia de que a fronteira é um fato social e um espaço temporal porque delimita um “para cá” e outro “para lá”, dessa forma a fronteira nasce da diferença, ela não separa, mas estabelece diferenças através das formas de organização do território.

Ainda nessa discussão, a fronteira pode ser vista como algo gerador de raízes e identidades diferentes, a partir do momento em que ocorre a afirmação das diferenças em relação aos outros grupos, ou seja, a partir do momento em que os sujeitos utilizam afirmações para distinguir o “eu” e o “outro”, surgem elementos para a construção e reconstrução da identidade na fronteira.

Nesse espaço fronteiriço, é importante apreciar o papel das identidades territoriais que partem de ou transpassam um território, ressaltando aqui, que a ideia de identidade tanto pode ser utilizada como uma valoração simbólica, quanto um processo de identificação num espaço geográfico. Nesse sentido, segundo Haesbaert (1997) a identidade territorial, definida a partir das relações que são construídas em um determinado território, pode ser compreendida como um tipo de identidade que se expressa na relação de pertencimento de um grupo a partir da delimitação de uma ou mais escalas geográficas. A identidade territorial é construída nos processos de desterritorialização e reterritorialização, carregada de subjetividades e objetividades que permitem a criação de novas identidades, uma vez que, de acordo com Hobsbawn e Ranger (2002) “a identidade é possível de ser sempre reinventada”.

Nesse contexto, a imigração fronteiriça se diferencia de outras imigrações internacionais, uma vez que, é preciso compreender esse fenômeno como um deslocamento populacional nas zonas de fronteiras. A particularidade aqui observada é o fato de que esses imigrantes fronteiriços na maioria das vezes continuam mantendo contatos constantes com o seu país de origem, e ainda fazem desse novo território um espaço de disseminação de sua cultura. Isto pode ser observado claramente no cotidiano da cidade de Santa Rita, onde os imigrantes brasileiros falam o idioma português, canais de televisão e rádios conectados são brasileiros, e ainda atravessam a fronteira pelos mais diversos motivos constantemente.

Um dos motivos que levam esses brasileiros a atravessar a fronteira para chegar a Foz do Iguaçu está relacionado ao atendimento de saúde. Durante a pesquisa, vários foram os relatos de imigrantes brasileiros que utilizam tanto o serviço público de saúde, o SUS quanto o serviço de saúde privado, muitos brasileiros possuem plano de saúde em Foz do Iguaçu. As explicações dadas para não utilizarem o serviço de saúde no Paraguai, são de que o serviço é precário, os médicos não são confiáveis e eles não se sentem seguros. Conforme cita Rita¹⁷:

Não se dá pra confiar muito nos médicos daqui, e também, outra coisa, não existem tantos especialistas como em Foz, mais clínico geral mesmo. Então é preferível que se pague um valor mensal num plano de saúde em Foz onde a gente sabe que vai ser melhor atendido, que é tudo limpinho também, até porque é pago né. E quem não pode pagar um plano, usa o SUS porque tem documentos brasileiros, e por causa disso, muitos optam por registrar os filhos também no Brasil, com os documentos brasileiros é mais fácil de conseguir atendimento médico. [...] A maioria dos brasileiros aqui vão para Foz tanto pra consultas médicas quanto pra fazer exames.

Conforme a entrevistada, a cidadania brasileira garante aos brasileiros e também aos seus filhos que residem no Paraguai acesso a diversas vantagens e benefícios, a saúde é um deles. Assim, podemos observar que os imigrantes brasileiros, uma vez que, possuem dupla nacionalidade utilizam isto como um jogo estratégico de identidades, apresentando cada qual segundo a conveniência. Albuquerque fala sobre isso quando discute o conceito de identidade situacional, segundo o autor: “de acordo com a situação, os descendentes dos imigrantes brasileiros identificam-se de diferentes formas” (ALBUQUERQUE, 2008, p.61).

No decorrer do trabalho foi possível também observar a mistura entre as culturas brasileiras e paraguaias, de modo que o lugar é conhecido como “espaço brasiguai”, o próprio nome “brasiguai” simboliza a mistura cultural existente na região. Nessa zona de fronteiras, o brasileiro continua se comunicando em português com seus descendentes e até mesmo com os paraguaios que não possuem descendência brasileira. Entretanto no ambiente escolar estudam o idioma espanhol e guarani, tomam o tereré, comem a chipa (“espécie de pão de queijo”) e a sopa paraguaia (torta salgada feita de

¹⁷ Rita tem 36 anos, é brasileira. Migrou para o Paraguai com seus pais no ano de 1986. O motivo pelo qual migraram foi a oferta de trabalho em terras paraguaias. Ela explica que antigos vizinhos que moravam no Rio Grande do Sul, vieram para o Paraguai em 1984 e compraram terras, depois chamaram sua família para trabalhar na lavoura em troca de um pequeno pedaço de terra para cultivo próprio. Segundo ela, seus pais aceitaram porque acreditavam que no Paraguai seria mais fácil de “subir na vida”, já que as terras eram baratas logo eles também conseguiriam comprar suas terras.

milho, queijo e cebola), produtos típicos importantíssimos da cultura paraguaia. O tererê em especial será exposto ao longo do trabalho, como um dos principais elementos da cultura paraguaia adquirido pelos brasileiros. A bebida é um exemplo das trocas culturais entre brasileiros e paraguaios, presentes no cotidiano da cidade.

Durante o trabalho de campo, nas observações feitas e entre as “conversas de barzinhos”, pude perceber que aqui ser filho de brasileiros é ter status, uma vez que, a maioria dessas famílias de brasileiros que moram em Santa Rita são bem sucedidas economicamente tanto no comércio, quanto no agronegócio. Assim, ser brasileiro atribui prestígio a esses sujeitos, sobre isso Silva (2009 p. 81) comenta:

[...] afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado dos bens sociais.

Desse modo, se assumir como brasileiro nessa sociedade é conquistar um lugar de respeito e até mesmo de admiração, uma vez que, o brasileiro aqui é o colonizador, aquele que trabalhou e trouxe o progresso para a cidade. Nesse sentido, os brasileiros se encontram numa posição mais elevada e isso denota status social.

Junto a isso, é possível perceber uma expressiva adaptação à cultura brasileira pelos paraguaios, no comércio, nas ruas, nas conversas informais, os paraguaios (entende-se aqui, os paraguaios que não possuem descendência brasileira) deixam de falar o espanhol para falar o português com os brasileiros e até mesmo com seus descendentes que legalmente são paraguaios assim como qualquer outro. Conforme cita uma de minhas informantes¹⁸, ao ser questionada por que ela fala tão bem o português, ela diz:

[...] então eu aprendi o português na escola, raramente uso o espanhol, me comunico todos os dias em português, na maioria do tempo. A gente perde um pouco a nossa identidade de ser paraguaio nessa região. Não acho que seria uma opressão da cultura, porque o pessoal daqui se adapta ou acostuma-se. Eu, por exemplo, sou paraguaia, mas com eles (filhos de brasileiros) eu acabo falando o português mesmo, a maioria dos paraguaios estão falando o português.

¹⁸ Silvia é paraguaia, filha de paraguaios, tem 24 anos e é moradora de Santa Rita. Cursa o 2º período da faculdade de Administração na *Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción*. O trecho da fala mencionado acima foi retirado de uma conversa informal, registrada no diário de campo.

É possível através do depoimento, perceber claramente a influência da cultura brasileira na região, apesar da cautela com que a depoente fala sobre o assunto ressaltando que os paraguaios “legítimos” se acostumaram com a cultura brasileira, mesmo admitindo o predomínio da cultura brasileira nesta região.

Outro ponto muito importante, no que diz respeito à forte presença da cultura brasileira é a expressiva afirmação de uma identidade regional, que no caso, é a identidade sulista, os gaúchos e descendentes aqui são a maioria, e durante as observações e conversas é facilmente possível reconhecer a cultura gaúcha no cotidiano da cidade. Segundo um entrevistado¹⁹, questionado sobre qual é sua identidade cultural, ele diz: *“pensando na federação eu sou paraguaio no caso, agora pensando em tradição e tal, plenamente, não dá pra dizer brasileiro, eu sou gaúcho sabe, mas na parte do Sul”*. Ele é frequentador do CTG Índio José localizado em Santa Rita e, é integrante dos grupos de danças típicas gaúchas, inclusive viaja para outros lugares se apresentando, para segundo ele, *“continuar a tradição”*.

Nesse sentido, a construção da identidade é uma situação importante que se constitui no processo da migração. Hoje a mídia já não se preocupa tanto com a construção de uma identidade nacional – o que antes era fator importantíssimo para a harmonia e controle da sociedade –, ou seja, já não existe mais a ideia de que o público seja um só, e essa visão só pode ser desenvolvida dessa maneira graças às misturas culturais.

3.2 Identidades Intercruzadas: a construção da identidade transfronteiriça em Santa Rita

Os imigrantes brasileiros e seus descendentes foram transculturando e transterritorializando diversos elementos estéticos que constitui para eles um mundo de referências simbólicas sobre sua identidade. Essas informações são compostas de sons, imagens, gostos e códigos que são transportadas através de sua cultura para um novo território. E assim, a identidade vai sendo formada e reelaborada na medida em que se relaciona com novas organizações culturais. Pujals (2008. P. 70) destaca que:

¹⁹ Rodrigo tem 20 anos, é filho de brasileiros e, possui somente documentação paraguaia. Seus pais vieram do Rio Grande do Sul e, atualmente fazem parte da equipe de organização do CTG Índio José. Conforme citado acima, ele é frequentador e integrante do grupo adulto oficial de danças gaúchas do CTG. Cursa Auto Mecânica em um Centro de Qualificação Profissional localizado em Foz do Iguaçu.

Toda identidade aberta é concêntrica pela própria natureza: é relacional. Mas isso demanda uma segurança íntima que só nos é dada pela vivência de uma identidade sólida. Todos precisam dela. Todos os indivíduos e todos os povos. E ela sempre pode ser construída, fortalecida, modificada, melhorada. Porque uma identidade, com efeito, nunca é estática, definitivamente fixada pela história.

Nesse sentido, a pessoa não nasce acabada nem do ponto de vista biológico, nem, principalmente de uma perspectiva cultural. O sujeito se faz ao longo de um processo de aprendizado que vai configurando a sua personalidade. Esse processo de formação como pessoa e de interiorização das normas e dos valores sociais constitui o processo de socialização e de construção identitária.

Com essa mesma discussão, Stuart Hall apresenta uma nova concepção acerca do conceito de identidade, no qual esta se relaciona a uma característica de elasticidade, superando as antigas discussões que apontavam identidade como algo estático, a identidade é uma construção do homem, mutável e aberta a integrações e conflitos.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de Processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. (HALL, 2004, p. 38-39)

A construção da identidade, com efeito, é um fato social no qual interferem diversos agentes de socialização e se integra mediante a identificação do indivíduo com os valores transmitidos pelos círculos nos quais ele se situa. Segundo Pujals (2008, p. 72):

[...] sem esse mecanismo de identificação, que tem um forte componente afetivo, é impossível a construção da personalidade psicossocial adaptada à sociedade em que o indivíduo vive.

Nesse contexto, processos de negociação cultural vão sendo formados, e dessa complexa dinâmica de encontro e desencontro com o Outro, os grupos sociais

estabelecem relações onde vivências e experiências são trocadas entre sujeitos de culturas diferentes.

Kobena Mercer, citado por Stuart Hall (1998, p. 09), observa: “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo supostamente fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e incerteza”. Quando o indivíduo é deslocado de seu país de origem, e passa a manter contato com outras culturas em um país que lhe é estranho, acontece o que pode ser chamado de crise de identidade, a totalidade de sua cultura de origem não existe mais, e no seu cotidiano começam a ser inseridas práticas culturais que antes jamais teriam sido pensadas. No entanto, muitos pesquisadores afirmam que o fortalecimento da identidade de determinados grupos, acontece justamente quando há contato com um grupo de cultura e identidade diferente, ou seja, apesar da integração cultural que de fato é inevitável, o indivíduo tende a enfatizar o orgulho de sua identidade nacional. A imigração fronteiriça possibilita tal experiência, uma vez que, os imigrantes continuam mantendo contato com seu país de origem através dos meios de comunicação ou também através das visitas constantes ao seu país. São vínculos afirmados constantemente. Albuquerque (2008, p. 55) observa:

Neste contexto de intensos conflitos, as fronteiras (enquanto barreiras, diferenças) das identidades nacionais são erguidas e reforçadas por meio de diferentes formas de autotransmissão e de classificação dos outros. A frente de expansão em território paraguaio não se restringe à dimensão econômica e política. Ela se constitui como um complexo espaço de afirmação de diferenças nacionais entre brasileiros e paraguaios.

É exatamente sobre essas diferentes representações que Bauman (2005, p. 19) comenta: “As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta”. A construção da identidade nos descendentes de imigrantes brasileiros nascidos no Paraguai pode ser discutida nessa perspectiva, as representações identitárias se constituem de variadas formas e em diversas situações. As identidades são ocultadas e enfatizadas, sobretudo num jogo de interesses políticos e conveniências.

3.2.1 Olhares sobre a ideia de identidade e pertencimento a sociedade paraguaia

O cotidiano dos brasileiros em Santa Rita, e as relações sociais que estes estabelecem nesse território estão extremamente marcados pela cultura brasileira. Conforme cita Angelo²⁰

Aqui a gente tá muito próximo da fronteira, então acredito que por isso existe mais integração entre brasileiros e paraguaios. É muito fácil pra gente ir para o Brasil e tipo, exercer nossa cultura, não que aqui a gente não faça isso, porque a gente é uma comunidade de brasileiros no Paraguai né, então o que acontece é que nós vivemos de acordo com nossos costumes, com o jeito de viver brasileiro, por mais que a gente esteja em outro país. Porque aqui nós somos maioria, e os paraguaios se adaptaram muito bem a nossa cultura, eles falam o português com a gente, eu não acho isso muito certo, porque nós deveríamos falar o idioma do país né, só que quase não falamos o espanhol, eu mesmo falo muito pouco. Então, como eu tava te explicando, aqui é um pedaço do Brasil no Paraguai, todo mundo vê, porque se escuta o idioma português, as músicas brasileiras, a gente assiste os canais de tv do Brasil, novela, jornal, tudo. A gente só vive em outro país né, digamos assim, a gente atravessou a fronteira, mas criamos um espaço brasileiro em outro país.

Ainda sobre a forte influência da cultura brasileira na região, Ricardo²¹, outro entrevistado ressalta que:

[...] Santa Rita é um bom lugar de se morar, mas claro, se a pessoa estiver disposta a trabalhar, todo negócio dá certo. A questão financeira é a principal, nós continuamos aqui principalmente pela questão dos baixos impostos, o que nós temos aqui, no Brasil demoraria anos pra gente conseguir. Pra cá vem muitos estudantes do Sul, de agronomia, por exemplo, que vem fazer estágio, acabam conseguindo um bom emprego e decidem ficar morando aqui. Mas isso tudo acontece porque a cidade é organizada pelos brasileiros né, que têm a cultura do trabalho, que gostam de trabalhar e por isso a maioria está muito bem financeiramente. Muitos paraguaios não entendem muito isso, porque eles são mais tranquilos né, só que aqui é a cidade de brasileira, a lógica é outra, é do trabalho, do lucro, e eles precisam se adaptar. E no fundo eles gostam da nossa cultura, pelo menos em relação à música, olha você pega dez paraguaios, no mínimo oito deles tem “toquinhos” de celular com música brasileira. Eles falam o português com a gente e também assistem às novelas brasileiras.

Notam-se nos dois depoimentos várias concordâncias e falas muito parecidas. O significado da cultura para esses sujeitos está no sentido de como ela é praticada no seu

²⁰ Angelo tem 29 anos, é brasileiro, migrou para o Paraguai ainda criança, com seus pais no ano de 1985. Trabalha numa loja de insumos agrícolas em Santa Rita.

²¹ Ricardo tem 31 anos, é filho de brasileiros, veio ainda criança para o Paraguai em 1987, seus pais compraram terras no Paraguai com o dinheiro, produto da venda de suas terras no Rio Grande do Sul, no Brasil. Atualmente possuem terras em Santa Rita e Santa Rosa. Ele é proprietário de uma loja de tintas da cidade.

cotidiano. A fronteira para eles não passa de uma continuidade de sua identidade brasileira, mesmo que as misturas culturais existam e sejam admitidas, a afirmação da sua identidade de origem agora reterritorializada no Paraguai é feita constantemente em vários momentos do seu dia a dia e em todos os espaços socioculturais construídos e organizados pelos brasileiros na cidade. A Igreja, o Centro de Tradição Gaúcha – CTG, o Bar do Grêmio - apresentados no capítulo anterior - são exemplos destes espaços onde a cultura brasileira (entendendo-a como uma cultura plural) é recriada e reproduzida através das referências culturais que os imigrantes brasileiros trazem de seu lugar de origem. Ao comentar sobre a cultura da cidade, Guilherme²² fala que:

[...] Santa Rita mesmo é um pedaço do Brasil aqui Paraguai, na Expo, por exemplo, eles trazem muito mais cantores brasileiros do que paraguaios, porque os próprios paraguaios escutam música brasileira, o sertanejo mesmo, todo mundo escuta. Hoje em dia aqui eles só falam o castelhano entre eles mesmos, mas com a gente eles preferem falar o português. O português é falado muito mais do que o espanhol, por isso parece mesmo que a gente tá no Brasil, isso aqui em Santa Rita né, já mais pra dentro do Paraguai a cultura brasileira não é tão forte assim.

Na construção social da identidade existe um veículo muito importante que possibilita a identificação dos sujeitos com uma ou outra cultura, a língua se apresenta como este veículo potente capaz de reunir indivíduos simplesmente por compartilharem o mesmo idioma. A característica da língua como importante meio de afirmação identitária foi mencionada nos dois depoimentos citados, no qual, o idioma português é essencial para a reprodução e afirmação da cultura brasileira nesse espaço fronteiriço. Ambos os entrevistados entendem a utilização da língua portuguesa como uma ferramenta de disseminação de sua cultura e, além disso, como uma forma de troca cultural, uma vez que, segundo eles os paraguaios preferem falar o português com os brasileiros e isso representa uma forma de adaptação destes a cultura e identidade brasileira. Pujals (2008, p. 72) discute essa problemática, ressaltando que:

O veículo mais potente de identificação e de construção social da identidade é a língua. Mediante a língua se interiorizam não só as dimensões comunicativas, mas também, como já assinalamos anteriormente, uma maneira de viver, de entender e de se relacionar com o meio social. De maneira que o aprendizado da própria língua não se limita a um fato

²² Guilherme tem 21 anos, é filho de brasileiros que migraram do Rio Grande do Sul para o Paraguai na década de 1990 para trabalhar nas terras de vizinhos que haviam migrado para o Paraguai em 1988 e compraram terras no país com o dinheiro, produto da venda de suas terras no Brasil. Guilherme trabalha numa agência bancária em Santa Rita.

puramente compreensivo e conceitual, mas que serve para construir um universo de referência simbólica do próprio grupo de pertencimento.

Dessa forma, a língua se apresenta como uma ferramenta na construção das referências simbólicas dos grupos étnicos. Segundo Barth (1998) esses grupos étnicos que estão em contato se mantêm como unidades significativas, ou seja, conseguem manter a sua cultura e as suas diferenças culturais, devida a limitação e demarcação da diferença. Através dessa dinâmica ocorre a manutenção da fronteira étnica. Ainda sobre isso Barth (1998) entende que as identidades estão sistematicamente associadas a valores culturais que servem como critérios para negar ou não a pertença a um grupo étnico. As fronteiras de um grupo étnico definem a esfera de interação dentro da qual os valores do grupo podem ser reproduzidos.

Os brasileiros inseridos no Paraguai conseguiram desde o início até a atualidade conservar a sua identidade mesmo tendo contato com a cultura do país que os recebeu. E nesse sentido, as relações interétnicas incidem de acordo com um conjunto de prescrições que dirigem as situações de contato. Observou-se que a relação entre os imigrantes brasileiros e os paraguaios se restringe a alguns setores, como a Igreja, a escola, e principalmente a esfera econômica, ou seja, no ambiente de trabalho, que se resume na relação empregado-empregador. Durante a pesquisa de campo, não foi conseguido observar, por exemplo, uma família de brasileiros almoçando na casa de uma família paraguaia. Nesse sentido, as fronteiras vão sendo construídas e demarcadas.

A partir daí, as diferenças culturais possibilitam demarcações de fronteiras e, muitas vezes estão carregadas de construções simbólicas sob as quais o preconceito e o estigma estão embutidos. Como comentado acima, as relações sociais entre brasileiros e paraguaios ocorrem apenas em determinados setores da sociedade. Os relacionamentos de amizade e namoro são exemplos da separação entre os grupos étnicos. Embora tenha presenciado durante a pesquisa, situações de namoro entre brasileiros e paraguaios, são raros esses relacionamentos. Nos círculos de amizades também se percebe a preferência desses sujeitos por amigos que sejam também brasileiros ou descendentes de brasileiros.

Durante muitos momentos da pesquisa acompanhei um grupo de amigos, filhos de brasileiros que se reuniam constantemente para tomar tereré e fumar narguilé, e também quando frequentavam lanchonetes e festas nas casas noturnas de Santa Rita e Foz do Iguaçu.

Esses jovens amigos possuem várias características em comum, além de todos serem filhos de brasileiros e possuírem uma boa condição econômica, ambos escutam músicas sertanejas e atravessam a fronteira constantemente em busca de lazer no lado brasileiro. Conforme explica Ricardo:

[...] eu vou todo final de semana para Foz do Iguaçu, tenho um apartamento em Foz, e muitos amigos que moram lá, porque pra sair pra balada, barzinho, lazer mesmo só em Foz, Cascavel, e a gente aqui em Santa Rita está muito próximo desses lugares né. [...] Eu gosto de morar aqui em Santa Rita, tenho hábitos que acabei aprendendo com os paraguaios, mas meu país é o Brasil, sem dúvida, e o bom de morar aqui é esse fácil acesso que nós temos ao Brasil.

A facilidade de acesso ao Brasil faz com que esses brasileiros compreendam a fronteira como uma continuidade de sua identidade brasileira. Entretanto deve ser destacado que espaço fronteiriço se caracteriza como um território de trânsito de pessoas e mesclas culturais. Mondardo (2013, p. 83) destaca que:

[...] nas inúmeras redes construídas foram sendo incorporadas línguas, etnias, costumes, culinária, representações e visões de mundo ao “território”. Esses elementos materiais e simbólicos foram elaborando uma “identidade híbrida”, uma mistura transfronteiriça, para além das fronteiras e dos territórios nacionais entre Brasil e Paraguai.

Nesse sentido, Abdala Junior (2002, p. 21) dialoga com a ideia de hibridismo ressaltando que:

Toda a matéria cultural é híbrida de partida, com justaposições e tensões de elementos de natureza contraditória. [...] A cultura é uma construção histórica que se fez na dinâmica dos contatos entre povos e culturas diferenciadas. Há culturas que se estabilizaram em dinâmica própria há mais ou menos tempo (décadas, séculos, milênios) e através do contato com culturas mais ou menos próximas (distância geográfica ou relativamente aos hábitos). Toda a cultura, nesses termos, é mestiça, e a estabilização não deixa de construir um recorte político, a definir um problemático (e ficcional) caráter nacional. O diferencial que hoje se verifica, quando se comparam as configurações históricas do passado com as da atualidade, é mais de ordem quantitativa, decorrente da intensificação dos contatos humanos. São contatos múltiplos que reagem entre si, trazendo num ritmo nunca visto novos amalgamentos capazes de dar rapidamente início a interações produtivas, que podem vir a se distanciar muitas vezes das situações de origem que constituíram suas fontes primárias.

Assim, Abdala Junior, compreende a cultura como formada através dos múltiplos contatos humanos. Trazendo essa discussão para a realidade dos brasileiros em Santa Rita, podemos observar que mesmo que os elementos da cultura paraguaia

incorporados pelos brasileiros e seus descendentes sejam mínimos e se reduzam a alimentação e a língua - de maneira ainda menos expressiva -, a incorporação desses elementos existe e é reproduzida culturalmente pelos brasileiros fronteiriços e, desta forma, reformulando sua cultura ao longo dos contatos e mesclas culturais.

3.2.2 A classificação de identidades pelos descendentes brasileiros

Os imigrantes brasileiros que vivem no Paraguai, quando migraram para este país levaram consigo um mundo de referências culturais que possibilitou a eles que este novo espaço onde se inseriram, fosse organizado de acordo com a sua maneira de viver e seu modo de fazer cultura, tal qual faziam no Brasil. Sendo assim, estes sujeitos migraram para o Paraguai com sua cultura e identidade “formada” e mesmo com o choque cultural que ocorreu logo que fizeram contato com a cultura paraguaia e, que possibilitou novas reelaborações de suas identidades, as fontes primárias de sua cultura continuaram e continuam as mesmas, uma vez que, estes procuram conservar aspectos e características essenciais da identidade brasileira.

Porém, esse processo de identificação cultural não ocorre de maneira tão simples na formação identitária de seus descendentes. Os filhos e descendentes de brasileiros possuem outra dinâmica de identificação, pela qual é exercido um processo classificatório com o intuito de distinguir o “eu” e o “outro”.

Existe um discurso muito forte de auto identificação que foi percebido na maioria das entrevistas realizadas com os descendentes de brasileiros no Paraguai. Trata-se de uma afirmação constante da identidade paraguaia por esses sujeitos. Durante as entrevistas e as conversas informais quando questionados sobre sua identidade, 70% dos entrevistados se identificam como paraguaios, os outros 30% assumem sua identidade brasileira justificando-a pela forte influência que a cultura brasileira tem em seu cotidiano, principalmente em seu ambiente familiar, assim como cita Carla²³:

²³ Carla tem 21 anos, nasceu em Santa Rita e atualmente mora na cidade, mas estuda em Ciudad del Este, é filha de brasileiros que migraram do Rio Grande do Sul para o Paraguai no ano de 1979, para comprar terras no país.

Eu sou mais brasileira, porque meus pais são brasileiros, na minha casa só falamos em português, assistimos os canais de televisão brasileiros, escutamos músicas de cantores brasileiros, torcemos por time de futebol brasileiro, tomamos chimarrão. [...] Eu não estou negando o fato de que em nosso dia a dia também adquirimos hábitos da cultura paraguaia, na questão da culinária mesmo, nós gostamos muito da cultura paraguaia, a língua também, apesar de eu falar mais o português, por exemplo, tenho mais facilidade de escrever em espanhol do que em português. Mas assim, o dia a dia de quem mora no Brasil e o meu é praticamente igual.

Entretanto, os 70% dos entrevistados que em seus discursos se identificam como paraguaios apresentam a mesma fala de Carla durante a conversa. São várias as contradições observadas em suas falas, uma vez que, estes se consideram paraguaios, mas admitem que sua cultura seja muito mais brasileira do que paraguaia. Aline²⁴, por exemplo, exhibe em sua fala toda essa contradição:

Eu sou paraguaia, não concordo com o uso do termo brasiguai, porque se você nasceu aqui, então você é paraguaio. Assim que é certo. E também pela convivência que nós temos aqui né com os paraguaios. Mas, é (pausa) eu tenho mais influência da cultura brasileira, até pelos costumes dos meus pais, então eu aprendi assim, só que eu gosto também de comida, música paraguaia, mas realmente é mais brasileira.

Sem embargo, o que podemos destacar nessa discussão é que essa contradição ressaltada acima é na verdade, dentro desse contexto de tensão e disputas simbólicas, um jogo de identidades.

As observações feitas em campo, juntamente com a análise dos dados obtidos, possibilitaram que chegássemos a uma possível explicação dessa contradição. Os jovens se identificam enquanto paraguaios, na medida em que a noção de identidade compreendida por eles, basicamente faz relação com a questão geográfica e de sua nacionalização, ou seja, se nasceram no Paraguai, possuem documentos paraguaios e falam minimamente o espanhol, a identidade paraguaia é enfatizada nesse sentido.

No depoimento, é perceptível a ambiguidade dessa identidade que é construída na região fronteira. As identidades nacionais são afirmadas em torno de uma questão territorial, é no desenvolvimento desse processo que as contradições nos discursos vão sendo reveladas. Nota-se a consciência da influência da cultura brasileira nesses sujeitos, no entanto, a afirmação de uma identidade paraguaia é repetida inúmeras

²⁴ Aline tem 22 anos, nasceu na cidade de Santa Rosa e atualmente mora em Santa Rita, seus pais saíram de Santa Catarina e migraram na década de 1980 para trabalhar nas terras paraguaias. Segundo ela, seus pais vieram em um grupo grande de pessoas que buscavam trabalho na lavoura.

vezes. Assim, eles são paraguaios no sentido em que se referem ao lugar onde fazem cultura, e não propriamente as características de sua cultura.

Entretanto, mesmo afirmando-se como paraguaios, essa identidade é significativa para eles, na medida em que se separam em grupos: “filhos de brasileiros” e “filhos de paraguaios”. Dessa forma, eles concebem a ideia de que são paraguaios porque nasceram aqui e possuem documentos paraguaios, mas que não são como os paraguaios “legítimos” (paraguaios filhos de paraguaios). Assim, esses sujeitos classificam e criam categorias para se distinguir de outros grupos. Sobre isso, Silva (2009, p.) comenta que:

Dividir o mundo social entre "nós" e "eles" significa classificar. O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados.

Assim, os brasileiros afirmam sua identidade paraguaia, porém mencionam: “os paraguaios” não se incluindo nesta categoria, ou seja, eles constroem um discurso classificatório do “outro” para dessa maneira, legitimarem o seu (não) pertencimento a determinada cultura.

Haesbaert (2007) destaca que a percepção das diferenças é de extrema importância para a afirmação de um grupo cultural dentro de qualquer território. O reconhecimento do outro ocorre através de um processo classificatório que busca criar um parâmetro único de comparação, hierarquizando ou “desigualando” aquilo que apenas deveria ser visto como diferente.

Dessa maneira, entende-se a identidade como uma busca de reconhecimento que se faz frente à alteridade, pois é através das relações que se mantêm com o outro, que o sujeito busca a afirmação das diferenças existentes em relação aos outros grupos e a não aceitação de um único modo de ser. Nesse sentido, são feitas as diferenciações entre o “eu” e o “outro”.

A identidade é relacional. Assim, as afirmações, negações e exclusões identitárias se revelam como estratégias. Se dizer paraguaio ou não é estratégico pois junto com essa afirmação ou negação é possível a garantia de benefícios, por exemplo.

3.3 O tereré como elemento aproximador das culturas brasileira e paraguaia

Durante a pesquisa de campo, nas observações e entrevistas feitas, um dos elementos culturais construtor da identidade paraguaia nos chamou a atenção devido ao seu alto grau de importância mencionado pelos entrevistados, no que diz respeito a formação da cultura dos brasileiros em Santa Rita. O tereré aparece como um elemento da cultura paraguaia que foi incorporado pelos imigrantes brasileiros e seus descendentes e dessa maneira constitui uma das características da construção da identidade transfronteiriça desses sujeitos, uma vez que, a cultura brasileira é predominante em suas práticas culturais e em seus modos de fazer cultura, porém, existe a mescla e incorporação de elementos culturais paraguaios, uma vez que, são produzidos a partir do contato com o “outro” e partir disso, sua(s) identidade(s) são reelaboradas.

Sobre a cerimônia do tereré e sua importância cultural para o Paraguai, foi encontrado um artigo na internet²⁵ denominado “*La ceremonia del tereré como rasgo de la identidad cultural paraguaya*”, este faz parte da tese de doutorado de Alberto Hidalgo e Elena Ronzón, intitulada “*Capítulos de historia de la Antropología e identidad cultural*”. Nesse artigo PARDO, José Manuel Rodrigues e ARÉVALOS, José Manuel Silvero, destacam que:

El tereré es, quizá, el rasgo que más identifica a los paraguayos. Es un hábito muy común en toda la nación paraguaya. Al respecto, J. M. Rodríguez Pardo y J. M. Silvero Arévalos, refieren en su trabajo de la Historia de la Antropología e Identidad cultural, que la yerba mate y la guampa son una parte constitutiva y característica del Paraguay. Analizando el tereré como una función social unificadora, podríamos decir cuanto sigue: El hecho de reunirse a tomar tereré significa algo más que un simple encuentro de ocio. Tomar esta bebida, para los paraguayos, es reencontrarse con sus raíces primitivas, utilizar ese tiempo para expresar ideas, compartir pareceres y, sobre todo, sentirse parte del todo social.[...] A la hora de analizar la función social del tereré, es conveniente realizar una diferenciación entre tomar tereré con la familia y el tomarlo junto con los amigos y entre tomarlo en la soledad o entre gente extraña. Es decir, básicamente pierde el sentido de práctica social cuando lo tomamos en soledad o entre grupos de extraños (un ejemplo de ello sería tomar tereré en el extranjero). Sin embargo, el hecho de compartir con amigos y familiares es el escenario propicio para que dicha práctica llegue a ser plena. También es importante destacar que, tanto en la región oriental y occidental del Paraguay, la práctica tiene los mismos componentes, es exactamente igual. Podríamos

²⁵ <http://nodulo.org/ec/2002/n004p22.htm>.

decir que tomar tereré es como una necesidad de todo el país, sin importar las diferencias climáticas, sociales, religiosas, etc.

Como mencionado acima, o tereré tem em sua função social o ato de reunir pessoas amigas, familiares. É um momento de interação social entre os indivíduos que faz com que estes se sintam parte da sociedade.

Desta forma, podemos analisar a incorporação do tereré nas práticas dos brasileiros que vivem no Paraguai, como uma apropriação cultural, mas também como um mecanismo de pertencimento a sociedade, ou seja, que possibilita a aproximação entre as duas culturas. Além disso, a prática de se tomar o tereré significa para os brasileiros uma forma de identificação com a cultura paraguaia e, legitimação deste ato. Conforme cita a entrevistada Aline:

Eu acho que o tereré é o elemento principal da cultura paraguaia mesmo, que nós adquirimos, é o que você mais vê na cidade, brasileiros e paraguaios tomando o tereré religiosamente todos os dias. Por isso que como eu te disse antes né, não dá para dizer que a gente é completamente brasileiro, porque a gente pratica também algumas coisas da cultura deles.

Nesse sentido, Eliane também entrevistada, comenta que:

[...] então, dos hábitos que os brasileiros pegaram dos paraguaios, é mais o tereré e a chipa também, que a gente gosta bastante. Porque assim, eu me identifico com a cultura paraguaia através disso, desses hábitos.

Mondardo (2013) também destaca a importância do tereré como uma prática difundida e incorporada ao comportamento diário tanto de paraguaios quanto de brasileiros. Assim como acontece na cidade brasileira de Dourados no Mato Grosso do Sul, a mesma forma de interação social através do tereré ocorre em Santa Rita no Paraguai. Segundo o autor:

Até mesmo entre os mais jovens, sendo descendentes de paraguaios ou não, a prática é difundida e incorporada ao comportamento diário. Como vivenciamos, parece até que as pessoas do comércio da cidade “param” às dez horas da manhã para beber o mate gelado. Isso coloca o tereré comum

geosímbolo significativo da cultural local-regional, pois, “seja pela manhã ou no final da tarde, faz parte do costume beber o tereré”. (MONDARDO, 2013, p. 89)

O tereré faz parte da cultura da cidade multicultural de Santa Rita. Durante a minha estadia na cidade, os momentos de entrevistas e conversas que tive com os brasileiros e seus filhos, sempre foram acompanhados de um tereré.

3.4 A Identidade Transfronteiriça como resultado do processo de hibridismo cultural

A identidade transfronteiriça desses imigrantes brasileiros e de seus descendentes deve ser debatida dentro da compreensão sobre modernidade discutida por Marx, citado por Hall (2004):

(ela é) um constante revolucionar da produção, a ininterrupta perturbação de todas as relações sociais, a interminável incerteza e agitação (...). Todas as relações fixas, congeladas, com o seu conjunto de idéias e opiniões veneráveis, são descartadas, tornam-se obsoletas antes de ossificarem. Tudo o que é sólido desmancha no ar... (MARX e ENGELS, 1973, p.70).

Hall apresenta essa citação de Marx para problematizar as sociedades de mudanças, criadas pela modernidade. Essas mudanças fazem parte de um processo de rupturas que acontece dentro de sua própria existência. Complementando, Bauman (2005) afirma que o pertencimento e a identidade não tem a solidez de uma rocha, uma vez que estes não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis. Sobre a imigração brasileira no Paraguai é possível destacar que a construção da identidade desses imigrantes acontece através das relações de conflitos e hibridismo culturais, permeados por relações de poder entre os grupos estabelecidos.

No ambiente de fronteira alargada onde Santa Rita está situada, os imigrantes brasileiros e seus descendentes vivenciam a condição de ser brasileiro ou ser paraguaio. Da mesma maneira em que afirmam uma ou outra identidade, essa identificação acontece segundo processos de negociação de identidades, isso ocorre, sobretudo, porque estes sujeitos se envolvem em múltiplas redes de amizades, trocas comerciais e

políticas, e práticas culturais que estão situadas no trânsito transfronteiriço entre os dois Estados Nacionais: Brasil e Paraguai.

Logo que transita entre as culturas apresentadas, o sujeito encontra-se no meio de duas identidades, uma é a sua identidade nacional, e a outra é aquela que pode ser assumida em qualquer momento. Constrói-se assim, uma relação de “entremeios” ou de “entre-lugares” como salientado por Bhabha (1998). O “entre-lugar” é concebido como um terceiro espaço, híbrido, que permite a emersão de outros costumes, no caso, a constituição de novos sujeitos. Assim, os “entre-lugares”, passam a se configurar não como meros espaços de dominação, mas o terreno de trocas, intersubjetivas individuais e coletivas, onde anseios comuns e outros signos de valores culturais são negociados.

Para Bhabha, a “fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente” e a compara com a “ponte que reúne enquanto passagem que atravessa” (1998, p.24). A fronteira recebe um significado positivo, pois é por meio dela que as diferenças culturais entram em contato e passam a interagir. Nesse sentido, Bhabha destaca que o sujeito do “entre-lugar” realinha as fronteiras de espaço e tempo, fazendo com que o “além” seja um “espaço de intervenção no aqui e no agora”. O sujeito do “entre-lugar” é um novo elemento cultural híbrido que surge do embate da tradição com a contemporaneidade.

Durante a pesquisa, em uma festa numa casa noturna de Santa Rita, presenciei um fato interessante e que me possibilitou que fizesse algumas reflexões em torno do meu objeto de pesquisa. Durante a festa um dos apresentadores do show pediu para que quem fosse brasileiro levantasse as mãos, nesse momento voltei o meu olhar para as pessoas do grupo que eu acompanhava e percebi que todos levantaram as mãos respondendo ao que apresentador propunha. Logo o apresentador novamente pediu para que os paraguaios levantassem as mãos, para minha surpresa quatro das seis pessoas do grupo levantaram as mãos novamente.

A partir desse momento pude perceber como a questão identitária é interpretada por esses sujeitos, eles compreendem o significado da identidade como sendo a forma com que se identificam com um ou mais elementos de determinada cultura. Deste modo, estando inseridos numa região de múltiplas culturas onde práticas sociais e culturais de cada uma delas são incorporadas e reproduzidas em momentos diferentes, estar dentro dessa dinâmica híbrida de culturas significa dizer que são brasileiros, mas também são paraguaios.

A globalização promove a descentralização dos elementos culturais, e desta forma surgem os fenômenos de misturas culturais, no qual há um processo de adaptação de um povo à culturas diferentes. Nessa perspectiva, no contexto das migrações contemporâneas entende-se o hibridismo cultural através do contato entre duas ou mais culturas, no qual as trocas culturais acontecem. O hibridismo é, portanto, um processo de assimilação do que o “outro” apresenta, ou ainda do que a terra estranha oferece. Se a cultura contatada tiver um grau de elaboração avançado, ocorre um enfrentamento que se resolve pela convivência ao longo do tempo, até que se inicia um novo processo de fusão cultural, em que certos elementos de uma ou de outra são adotados, gerando um processo contínuo de hibridismo.

O processo de hibridação cultural cria algo novo, algo diferente e irreconhecível, uma nova área de negociação e representação. Percebemos esse processo na fronteira, através das trocas culturais e identitárias. As relações são construídas e estabelecidas por sujeitos de Estados, culturas e identidades diferentes, é o encontro com o “novo” que permite ao sujeito assumir uma relação de alteridade e dessa maneira reinventar e recriar sua própria identidade.

Nesse sentido, o “entre-lugar” mencionado por Bhabha reflete toda a interação sócio cultural que ocorre entre os sujeitos de culturas distintas no caso, brasileiros e paraguaios. A partir disso foi percebido que a identidade transfronteiriça surge nessa relação de “entremeios”, um novo mundo cultural se recria através dos elementos identitários que fazem referência a sua cultura de origem e aquela com que mantem contato. As diferenças necessariamente se tencionam e produzem o plural.

Assim, a identidade passa a incorporar outros territórios de referência política, econômica e cultural, que reelaboram o comportamento e as formas pelos quais esses sujeitos se identificam. Essa identidade plural e múltipla que é um pouco brasileira, um pouco paraguaia, faz parte desses processos de transculturações que ocorrem em situações onde os sujeitos se relacionam com outros grupos culturais.

3.5 O Gaúcho como uma proposição cultural Transfronteiriça

Observa-se curiosa forma de construção identitária em Santa Rita, que aqui se denomina identidade transfronteiriça. Além do que foi discutido anteriormente sobre essa nova forma de identificação, a cultura gaúcha também nos permite discutir essa

identidade, muito presente no Rio Grande do Sul, no Paraná, bem como em outros estados brasileiros, mas também e principalmente no Paraguai, nosso campo de pesquisa. O que podemos destacar é que estar em Santa Rita é o mesmo que estar na Bahia e não deixar de ser gaúcho.

O gaúcho além de representar uma territorialidade expansionista, também se caracteriza como uma identidade que relativiza as formas de fronteira sejam elas nacionais ou regionais.

Nesse sentido destacamos a figura do gaúcho, que surgiu através de um processo em andamento geracional de sua formação identitário-cultural que construiu aos poucos, a cultura e referências culturais denominadas gaúchas. Assim, o gaúcho não passou por processos de enraizamento e isso nos possibilita compreender a cultura gaúcha como Lopes (2014 pág. 07) assinala:

A cultura gaúcha estabelece uma nação (no sentido que os românticos deram a esse termo), mas não uma nação-estado; muito menos, um estado-nação. Construíram uma nação cultural, que ultrapassa o que comumente se conhece como nação, como estado, como país e suas correlações correntes. Essa nação cultural, sim, começou a desenvolver raízes identitárias próprias.

Identificações de ambiente, atividades, hábitos, autoidentificações determinaram esse fenômeno característico desta cultura: o transfronteirismo. Ele se expressa em linguajar autorreconhecível, em função do léxico, da sintaxe e do conjunto de atividades a que se refere. Em Santa Rita no Paraguai, são diversos os momentos em que identificamos a cultura gaúcha nas formas de linguagem dos moradores da cidade, nos hábitos, por exemplo, como o de tomar chimarrão, na presença de um bar gremista, e na organização de festivais de músicas nativistas que ocorrem no CTG Índio José.

Esse Centro de Tradições Gaúchas se destaca como um novo elemento importante que tem como função a manutenção e reprodução da cultura gaúcha que é transmitida de pai para filho. Em Santa Rita, os primeiros imigrantes brasileiros oriundos do Rio Grande do Sul, construíram e organização o CTG Índio José para segundos eles, “Continuar a Tradição”.

Essa tradição se caracteriza em sustentar e conservar essa cultura gaúcha independente do lugar onde estes sujeitos estejam inseridos.

Desta forma, compreendemos o gaúcho em Santa Rita, como um indivíduo de identidade transfronteiriça, uma vez que, a cultura gaúcha estabelece uma nação cultural que não tem território definido e nem demarcado e justamente por isso, podemos

considerá-la como transfronteiriça, pois transcende a fronteira geopolítica e se reproduz em todo e qualquer território se valendo apenas de sua estratégia de manter suas tradições e recriar um novo mundo cultural, onde as referências culturais gaúchas produzem nestes sujeitos novas formas de construção identitária.

Assim o imigrante gaúcho e o filho deste imigrante que mesmo nascido no Paraguai, reconhece a cultura gaúcha como base para construir sua identidade em Santa Rita, também fazem parte desses processos de transculturações, pois mesmo em contato com culturas distintas e fazendo uso de apropriações culturais, o gaúcho não deixa de ser gaúcho e de reproduzir os hábitos que o identificam com esta cultura porque estão em outro estado ou país. Estar no Paraguai reforça ainda mais essa identidade transfronteiriça, que se expande territorial e culturalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs a investigar as práticas socioculturais dos brasileiros e seus descendentes, numa região de fronteira alargada onde está situada a cidade de Santa Rita no Paraguai. As relações entre brasileiros e paraguaios nesse espaço territorial, são marcadas pelas diferenças culturais e identitárias decorrentes das mobilidades de cada povo e de seu caráter de reelaboração de suas identidades, uma vez que em busca da sobrevivência, os indivíduos se sujeitam a novas experiências que possibilitam a eles conhecer outras realidade e culturas diferentes das suas.

Nesse sentido, através da pesquisa, procurei conhecer como os brasileiros que hoje vivem no Paraguai, especificamente na cidade de Santa Rita, transitam entre os limites territoriais e simbólicos de sua cultura e, a partir disso compreender de que maneira é construída sua identidade. O fenômeno das identidades transfronteiriças caracteriza essas relações e interações sociais que acontecem nas regiões de fronteira e, constroem novas possibilidades de identificação.

A pesquisa foi dividida em três capítulos que buscaram descrever, analisar e discutir as identidades na fronteira, e como estas são construídas na relação e no contato com o Outro. No primeiro capítulo, com o objetivo de apresentar o contexto histórico da migração brasileira para o Paraguai, descrevi através de depoimentos de imigrantes brasileiros, como se deu historicamente esse movimento migratório e como esses sujeitos foram se adaptando ao novo país e construindo seus espaços. Ainda nesse capítulo apresentei uma discussão conceitual sobre a Fronteira, como esta é compreendida por alguns pesquisadores e, de que maneira seria entendida dentro deste trabalho.

As fronteiras em movimento produzem conflitos entre diferentes povos, elas se estabelecem e se movem, sobretudo através das tensões e integrações culturais observadas nas relações sociais cotidianas da população. O processo migratório dos brasileiros no Paraguai ocasionou o aparecimento de novos questionamentos acerca da identidade cultural dos indivíduos localizados em regiões fronteiriças.

De modo a problematizar essa nova configuração cultural, o segundo capítulo dessa pesquisa, buscou apresentar como se deu a constituição do núcleo de brasileiros

em Santa Rita que foi construído de acordo com as referências que esses imigrantes tinham de seu lugar de origem; e a produção desse novo espaço sociocultural.

Foi percebido que a necessidade de reprodução de estilo de vida que possuíam no Brasil, além da capacidade de organização e (re)construção de sua comunidade, fez com que esses imigrantes fossem construindo suas escolas, igrejas e demais instituições, uma vez que, estavam em outro país, porém não haviam referências e símbolos nacionais que os levasse a crer de que realmente estavam em outro Estado Nacional.

Nesse capítulo foram apresentados elementos que auxiliam os sujeitos na identificação com uma ou outra cultura. A língua portuguesa falada em casa e predominante nas relações sociais tanto com brasileiros e paraguaios não descendentes de brasileiros se caracteriza como um elemento que segundo o significado dado por esses sujeitos, possibilita que estes identifiquem com o Brasil e se distingam dos demais paraguaios.

Ainda como um elemento que constrói essa nova proposição cultural, temos o tereré que para esses imigrantes e filhos de imigrantes brasileiros se tornou muito mais do que uma apropriação cultural, no sentido de que para eles, o tereré é visto como um elemento da cultura paraguaia que aproxima as duas nações e que, além disso, se tornou um importante mecanismo de pertencimento e legitimação desse pertencimento à cultura paraguaia.

O bar do Grêmio e o Centro de Tradições Gaúchas também se destacam dentro do processo de identificação e (re)construção identitária desses sujeitos. Para os imigrantes brasileiros oriundos do Rio Grande do Sul, esses espaços funcionam como reprodutores de sua cultura de origem e também como uma forma de manter e propagar seus laços culturais com a cultura gaúcha e repassá-los aos seus filhos.

Assim, foram sendo construídas novas experiências de vida que possibilitaram a esses sujeitos, novas formas de compreensão de suas identidades, onde do contato com outra cultura, no caso a paraguaia, puderam ser observadas práticas de manutenção e conservação da sua cultura de origem, como também a modificação e incorporação de outras características culturais.

Nessa perspectiva, o terceiro e último capítulo deste trabalho apontou para um estudo sobre a construção identitária dos brasileiros e seus descendentes que vivem no Paraguai, especificamente na região de Santa Rita. Percebendo uma(s) identidade(s) em

movimento que se estabelece(m) de acordo com questões estratégicas e principalmente, a partir das relações e trocas culturais nesse território.

Desse modo, discutir identidade no contexto dessa imigração implica em entendê-la como fenômenos elásticos e adaptáveis permeados por relações de poder historicamente construídas pelos dois Estados Nacionais Brasil e Paraguai e, as relações culturais que reativam as tensões entre as duas culturas e redefinem as identidades apresentadas.

Ainda no terceiro capítulo se apresentou uma discussão sobre o gaúcho em Santa Rita e sua identidade transfronteiriça, uma vez que, a cultura gaúcha estabelece uma nação cultural que não tem território definido e nem demarcado e justamente por isso, podemos considerá-la como transfronteiriça, pois transcende a fronteira geopolítica e se reproduz em todo e qualquer território, se valendo apenas de sua estratégia de manter suas tradições e recriar um novo mundo cultural onde as referências culturais gaúchas produzem nestes sujeitos novas formas de construção identitária mediante processos de transterritorialização e transculturação de sua cultura de origem.

Refletir acerca da identidade é observar e dialogar com atores sociais que dão sentido ao espaço e re-significam suas identidades a partir de suas experiências construídas. É nesta posição de ressignificação e transculturação que o imigrante percebe e define quem ele é e quem são os outros.

Essa relação ambígua de aproximação e distanciamento entre culturas e sujeitos diferentes um do outro, faz parte da situação em que transcender os “limites nacionais” se torna uma situação de convivência cotidiana nessa região fronteiriça. Assim, a partir disso, os elementos materiais e simbólicos incorporados nessa relação, foram construindo uma “identidade híbrida” que reconhece as mais diversas culturas e se apresenta como uma mistura transfronteiriça, para além das fronteiras e dos territórios nacionais ali presentes.

Compreende-se desta maneira, que a identidade emerge e se afirma no campo conflitante, carregada de concepções simbólicas e formas diferentes de classificação, onde as dinâmicas de cultura e poder redefinem essas representações. Desta forma, falar de uma identidade estável, fechada a uma ou outra cultura é totalmente incoerente com a realidade destes indivíduos fronteiriços, localizados numa região de tão complexas representações identitárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais** – um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural. São Paulo, SENAC, 2002.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A Dinâmica das Fronteiras: Deslocamento e Circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A Dinâmica das Fronteiras: Deslocamento e Circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais.** São Paulo: Annablume, 2010.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **Fronteiras e Identidades em movimento:** Fluxos migratórios e disputa de poder na fronteira Paraguai-Brasil. Cadernos. CERU série 2, vol.19, nº 1. São Paulo, 2008.

BACK, Andressa. **A Identidade do outro lado da Fronteira:** Um estudo sobre a identidade dos filhos de imigrantes brasileiros nascidos no Paraguai. Trabalho de Conclusão de Curso. Foz do Iguaçu, 2011.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo horizonte: EdUFMG, 1998.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF FENART, Joceline. **Teorias da etnicidade.** Sao Paulo, Unesp, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchio;** tradução de Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertarnd do Brasil, 1998.

BRETTELL, Caroline. Theorizing Migration in Anthropology. In: BRETTEL, Caroline; HOLLIFIELD, James. **Migration Theory.** New York: Routledge, 2008.

BRITO DA MOTTA, A. Gênero, idades e gerações (Introdução). In: **Cadernos CRH,** Salvador, v. 7, n. 42, p. 349-355, set./dez. 2004.

CANCLINI, Néstor García. *A Globalização Imaginada*. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

CARDIN, Eric. **Notas para o estudo dos processos migratórios no Brasil**.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. V. 2, São Paulo: Paz e Terra.

COLOGNESE, Silvio Antonio. “A Fronteira como unidade de análise nos estudos sobre geração e italianidade”. In SCHALLEMBERGER, Erneldo (org.). **Identidades nas Fronteiras: território, cultura e história**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (orgs) **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005

DOMINGUES, J. M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. In: **Tempo Social: Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 14 (1), p. 67-89, maio 2002.

FERRARI Carlos Alberto. **Brasiguaios na Fronteira: Luta pela terra, violência e precarização do trabalho no campo e na cidade**. Revista Pegada. v. 8, n. 1, Junho 2007.

FIORENTIN. Marta Izabel. **A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. Curitiba: UFPR, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, 2010. (Dissertação de Mestrado).

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOGEL, R. y RIQUELME, M. A. **Enclave sojero merma de soberanía y pobreza**. Centro de estudios rurales interdisciplinarios (CERI). 2005, 245 p.

FOGEL, Ramón. **La concentracion de la tierra en los departamentos fronterizos**. Asunción: Intercontinental Editora, 1989.

FREITA, Vilmar Falcão. Brasiguaios: Uma Identidade sem Nacionalidade. In: STERLING, German (org.). **Abordagens Historiográficas na Fronteira**. Foz do Iguaçu: UNIAMÉRICA, 2006. P. 153-159.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: 1989.

GOLDMAN, M. **Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia.** Revista de Antropologia, São Paulo: USP, v. 46, n. 2, p. 423 – 444, 2003.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste.** Niterói: EdUFF, 2007.

HALL, Stuart. **A Questão da Identidade Cultural.** Textos didáticos. São Paulo, SP: IFHC/Unicamp, 1998.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós modernidade,** Rio de Janeiro – RJ: DP&A Editora, 2004.

HOBBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JARA, Bruno. Santa Rita: **La comunidad y su Expo, reseña de una ciudad.** Asunción: Artemac, 2012.

LAINO, Domingo. **Paraguai: fronteiras e penetração brasileira.** São Paulo: Global Editora, 1979.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural.** São Paulo: Cosac Naify, [1958] 2008.

LOPES, Cícero Galeano. **Transfronteiricidade na cultura pampeana.** 2014. Disponível em <http://www.cicerogalenolopes.com/pdfs/Transfronteiricidadenaaculturapampiana.pdf>. Acesso em 29 de outubro de 2014.

MAGNOLI, Demétrio. **O Corpo da Pátria: imaginação geográfica e política externa do Brasil (1808-1912).** São Paulo: Ed. Unesp / Moderna, 1997.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira:** a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina.** Cotia:

Ateliê Editorial, 2002.

MENEGOTTO, Ricardo. **Migrações e fronteiras**: os imigrantes brasileiros no Paraguai e a redefinição de fronteiras. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

MENEZES, Alfredo da *Mota*. **A herança de Stroessner: Brasil - Paraguai, 1955-1980**. São Paulo: Papyrus, 1987.

MONDARDO, M. **Conflitos territoriais entre Guaranis-Kaiowás, paraguaios e “gaúchos”**: a produção de novas territorialidades no Mato Grosso do Sul. (Tese de Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense: Niterói-RJ, 2012.

MONDARDO, Marcos Leandro. **Ser paraguaio no Mato Grosso do Sul**: da imigração à construção de uma identidade transfronteiriça. *Varia Scientia Revista Multidisciplinar da Unioeste*, 2013.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 2006.

PARDO, José Manuel Rodrigues e AREVÁLOS, José Manuel Silvero. **La ceremonia del tereré como rasgo de la identidad cultural paraguaya**. 2002. Disponível em <http://nodulo.org/ec/2002/n004p22.htm>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.

PEIXOTO, João. **As Teorias Explicativas das Migrações**: Teorias Micro e Macro Sociológicas, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, n 11/2004 (on-line).

PEREIRA, Osvaldo. **Los primeros pobladores que dieron inicio a la progresista ciudad de Santa Rita**. Universidad Nacional del Este, Metodología de la Investigación, Facultad de Filosofía. Santa Rita, 2010.

PORTES, Alejandro. **Migrações internacionais**: origens, tipos e modos de incorporação. Oeiras: Celta Editora, 1999.

PUJALS, Joan Maria. **As novas fronteiras da identidade**. Editora Raimundo Lulio, 2008.

SAHLINS, Marshall. “O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica: por

que a cultura não é um objeto em via de extinção (Parte I)”. In: **Mana – Revista de Antropologia Social**, vol. 3, n. 1, p. 41-73, 1997a.

SAHLINS, Marshall. “O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (Parte II)”. In: **Mana – Revista de Antropologia Social**, vol.3, n. 1, p.103-150, 1997b.

SANTOS, Maria Elena P. **O cenário multilingüe/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entrono social**. Campinas. 2004.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Ed.USP, 1998.

PEIRANO, Mariza G. S. **Os antropólogos e suas linhagens: a procura de um diálogo com Fábio Wanderley Reis**. Série Antropologia: Brasília, 1990.

PEIXOTO, João. **As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro Sociológicas**, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, n 11/2004 (on-line).

PORTES, Alejandro. 1999 **Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação**. Oeiras: Celta Editora.

RAFFESTIN, Claude. A Ordem e a Desordem ou os Paradoxos da Fronteira. IN: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande, MS: EdUFMS, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu Silva (org). Petrópolis: Vozes, 2009. p. 73-102

SINGER, Paul Israel. Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: _____ . **Economia Política e Urbanização**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SPRANDEL, Marcia Anita. **Brasileiros na fronteira com o Paraguai**. Rio de Janeiro. 2006.

UNITED NATIONS. **World Population Prospects: The 2008 Revision**. Database. Disponível em: <http://esa.un.org/unpp/index.asp> Acesso em: 11 de janeiro de 2013.

VOLDMAN, Danièli. Definições e Usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

WAGNER, Carlos. **Brasiguaios: homens sem pátria**. Petrópolis: Vozes. 1990.